

# A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

TERÇA-FEIRA  
14 DE DEZEMBRO DE 2004  
GRATUITO  
ANO XIV  
EDIÇÃO Nº124

## FERNANDO GONÇALVES QUER UNIVERSIDADE UNIDA

Objectivos da nova direcção-geral passam pela resolução de problemas com a reitoria

Depois de ter ganho na semana passada as eleições, o novo presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra prepara-se agora

para tomar posse em Janeiro. Os primeiros objectivos para o novo mandato já estão delineados. Entre as acções a realizar a curto prazo está a re-

solução de problemas com a reitoria: “A bem de todos, a universidade tem de estar unidas”, defende Fernando Gonçalves. **Pág. 5**

Entrevista a Miguel Duarte

### “Construímos um novo projecto político”



BRUNO COSTA

Depois de um ano ao leme da mais antiga associação académica do país, o presidente cessante da direcção-geral afirma ter lançado as bases de um projecto político que colocou a discussão sobre o ensino superior público em Portugal “numa perspectiva diferente”. Um trabalho que, faz questão

de sublinhar, deve ser consolidado durante os próximos anos. Contudo, na análise do seu mandato, Miguel Duarte admite que houve projectos que ficaram por realizar. O balanço de um ano como homem-forte da Associação Académica de Coimbra, feito na primeira pessoa. **Págs. 2 e 3**

### Eleições para o OAF

O Organismo Autónomo de Futebol decide no final desta semana a direcção que vai comandar os destinos da Académica durante os próximos três anos. Num momento em que o clube atravessa uma situação difícil, dois projectos estão na corrida para a liderança. A lista A, de José Eduardo Simões, e a lista B, de Maló de Abreu, defrontam-se sexta-feira nas urnas. Ambos os candidatos apresentam como objectivos principais a manutenção da Académica na Superliga, uma maior aposta nas camadas jovens e uma adaptação do clube ao tempo presente, sem esquecer o carácter histórico do clube dos estudantes. **Págs. 12 e 13**

Entrevista

### Sérgio Godinho com saudades de Coimbra

Com mais de 30 anos de trabalho, Sérgio Godinho é um dos mais antigos cantores da música portuguesa. Quinta-feira vem a Coimbra, ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente. Em entrevista, o músico fala das novas gerações, da educação em Portugal, da praxe (um fenómeno que critica) e da sua própria carreira. A CABRA conversou com o autor de “Maça com bicho” e mostra Sérgio Godinho com “um brilho zinho nos olhos”. **Págs. 18 e 19**



Ar do Rato  
Caffé

Quim Barreiros

Quinta-feira

16-12-2004

#### SUMÁRIO

Destaque	2	Ciência	14
Opinião	4	Desporto	15
Ensino Superior	5	Cultura	17
Cidade	8	Artes Feitas	20
Nacional	9	Estórias	22
Internacional	11	Vinte&três	23
Tema	12		



# “A Associação Académica de Coimbra é um microcosmos único”

**Em momento de balanço, o presidente cessante da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte, recorda alguns dos momentos que marcaram o seu mandato e analisa o estado do ensino superior em Portugal**

**Ana Bela Ferreira  
Margarida Matos  
Sofia Piçarra**

Após um ano aos comandos da academia de Coimbra, Miguel Duarte afirma que a universidade vive uma “crise de missão”, tendo-se tornado uma “fábrica de licenciados”. Apesar de reconhecer falhas, afirma que a sua equipa realizou um bom trabalho político, mas deixa o aviso de que este deve ser continuado.

**Que balanço fazes do teu mandato? O que destacas pela positiva e pela negativa num ano de trabalho da direcção-geral?**

Pela negativa, há que referir algumas propostas da candidatura que não foram cumpridas, como a criação do Conselho Inter-Núcleos Desportivo e do Conselho Inter-Núcleos Cultural. Não foi possível concretizar todos os nossos objectivos porque esta direcção-geral encontrou uma série de circunstâncias ao longo do mandato que nos obrigaram a concentrar todos os esforços na política educativa. Repare-se que apanhamos não só o período de contestação normal como também os períodos de inércia, entre Junho e Julho, com a questão da fixação da propina e, já em Setembro, com a questão dos estudantes boicotantes.

Mas é obvio que faço um balanço positivo do trabalho realizado neste mandato e não tenho a mínima dúvida que construímos um novo projecto político para a AAC. E é neste contexto que se insere toda a causa estudantil que demonstra que não é uma luta sectária, porque falar de ensino superior enquanto factor de progresso é falar do ensino superior democratizado. Na óptica de um projecto político não podia ter sido mais consolidado mas é obvio que falar deste projecto político a um ano é completamente impossível. Este projecto deve ser a discussão futurista da causa estudantil nos próximos dez anos. É necessário abrir as fronteiras da nossa reivindicação e ver que o que se passa no mundo, que é a tentativa de se destruir um bem público.

**Sais da Direcção-Geral num momento de crise nas relações entre os estudantes e a reitoria. A que é que se deve esta situação? Houve alguma coisa que falhou?**



“Gerir politicamente a Associação Académica de Coimbra é muito complicado, é um exercício que vamos aprendendo a fazer ao longo do mandato”

Essa é outra vertente que não é dissociável do projecto político. Chegámos a conclusão que os efeitos das políticas neo-liberais têm uma consequência directa na instituição universidade que vai para além da questão financeira de serem as universidades a fixarem a propina. O que se vive na instituição universidade é a crise de missão. A universidade deixou de ser uma estrutura capaz de construir cidadãos, preocupada em consolidar as estruturas democráticas, para passar a ser tudo aquilo que não deveria ser mas que é o que o mercado ambiciona: uma fábrica de licenciados. Isto é ultrajante para a missão de universidade pública. A universidade deixou de ter uma política social e cívica. Perante isto, há um conjunto de conflitos que surgem da aplicação desta lei que não são dissociáveis das universidades inseridas na

**“Não tenho a mínima dúvida que construímos um novo projecto político para a AAC”**

ma lógica de mercado. É pois aqui que a Universidade de Coimbra se demitiu das sua missão política, porque, no âmbito da Lei de Financiamento, a UC tinha o dever de ter assumido uma posição consensual entre toda a comunidade universitária e de dar um novo rumo para a universidade, dizendo claramente que esta política não serve. A luta é conseguir que a universidade dê uma resposta a esta competitividade e consiga apontar o caminho para uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. E isto hoje não se passa

na UC. Esta lógica de competitividade entre instituições universitárias vai ser a destruição do ensino superior público. É assustador que as universidades só consigam dar uma resposta tecnocrática. Acima dos acontecimentos ocorridos na UC é necessário perceber que é o próprio conceito de universidade

que está em crise.

**Mas como é que analisas os acontecimentos do passado dia 20 de Outubro?**

Aquele dia ficou marcado por uma questão muito mais cara à UC que é o facto de ser ter chamado a polícia à universidade para resolver problemas da comunidade universitária. Há aqui claramente uma questão fundamental que é o facto de a reitoria não ter conseguido criar um consenso à volta das propinas, e ter levado avante aquilo que tinha pensado através do senado. E aqui o corpo dos estudantes foi completamente deixado de parte. A resposta encontrada foi a das invasões do senado, mas tendo a noção clara que estávamos a violar um órgão democrático do qual fazíamos parte. E, neste contexto, respondo àqueles que dizem que os estudantes não deviam ter presença nos órgãos de gestão: os estudantes não trocaram o sistema pela irreverência, não deixamos de ser estudantes para fazer parte do sistema, nós não trocamos a atitude própria de quem acredita e tem uma visão mais progressista das instituições e

do funcionamento da democracia. Quem pensou algum dia em pôr os estudantes nos órgãos de gestão para que estes deixassem de ser estudantes cometeu um erro tremendo.

É também óbvio que os estudantes violaram o conceito de universidade livre, autónoma e democrática, mas a universidade fez exactamente o mesmo ao chamar a polícia à universidade. Portanto, esta discussão da violação diluiu-se nos fundamentos que levaram uns e outros a fazê-lo: os estudantes fizeram-no na defesa de um direito fundamental que é a educação, a universidade fê-lo em prol de uma lógica de competitividade entre instituições, em prol dos valores de mercado e de tudo que se insere numa visão tecnocrática da universidade. Aqui há uma clara divisão de convicções e talvez até um conflito de gerações.

**“Foi inevitável o pedido de demissão”**

**Na sequência destes acontecimentos os estudantes pediram a demissão do reitor, o que não se verificou. Como é que perspecti-**



**vas no futuro, as relações entre os estudantes e a reitoria?**

Eu considero que os estudantes devem encontrar soluções políticas para lidar com esta situação. Foi inevitável o pedido de demissão do reitor, porque se assistiu no dia 20 de Outubro ao episódio mais negro da história da universidade livre, autónoma e democrática. Eu recordo que na história da universidade, os momentos em que foi chamada a polícia foram momentos de escândalo.

**A justiça veio dar razão aos estudantes acerca da votação por correspondência. Embora sem efeitos práticos, que ilações tiras dessa decisão?**

Essa é mais uma questão complicada para a reitoria da UC, porque foi defendido que esse método era mais do que legítimo e que não havia nenhum argumento para o contestar. Mas na verdade o que o despacho vem agora dizer que é proibido utilizar essa forma de votação.

**Uma das maiores críticas que se faz do teu mandato é que, com os acontecimentos do dia 20 de Outubro, a luta estudantil deveria ter tomado outro rumo e que deixaste mesmo escapar essa oportunidade. Como interpretas esta crítica?**

Nesse processo haveria uma questão que teria feito a diferença e que era o cancelamento da Festa das Latas. Mas foi um período em que tinha grande parte da minha equipa envolvida na organização desse evento e os acontecimentos do dia 20 aconteceram precisamente no dia em que começava a festa. E, portanto, era muito complicado suspender essa festa académica quando não estava criada uma consciência colectiva para que tal decisão tivesse sido tomada. Se os acontecimentos se tivessem desenrolado uma semana antes, penso que haveria outro à vontade para defender o cancelamento. Provavelmente se tivéssemos optado pelo cancelamento da Festa das Latas muitos estudantes não iriam compreender essa decisão e iria ser altamente fracturante na academia.

**“O foco da contestação foi Coimbra”**

**Como vês o movimento associativo ao nível nacional, especialmente o facto de ter sido convocado um Encontro Nacional de Dirigentes Associativos (ENDA) para o dia da manifestação de 4 de Novembro?**

Sobre a questão do movimento associativo nacional eu acho que este ano o foco da contestação foi Coimbra, e mesmo nas manifestações nacionais percebeu-se que realmente havia uma preocupação com a causa estudantil mais acentuada em Coimbra. Houve outras associações que trabalharam bastante para a mobilização, mas na verdade notava-se que os próprios ENDA's eram pouco participados. Quer dizer não havia uma vontade de defender a causa estudantil, por-

que aliás há divergências no movimento estudantil quanto à forma como esta causa existe e como deve ser defendida. Mesmo a questão da gratuidade divide bastante o movimento estudantil. De qualquer forma, a academia de Coimbra tem uma posição mais progressista do que as outras, mas também foi sempre essa a sua função histórica. Considero que o movimento estudantil perde às vezes por não ter uma perspectiva correcta de qual é a sua própria função. Muitas vezes os dirigentes que são eleitos apenas fazem uma análise sobre o momento, sobre quem está a governar e não entendem que o movimento estudantil é um movimento que serve, acima de tudo, para criar consciências para o futuro e para contribuir para uma mudança de médio-longo prazo.

**Quais deverão ser as linhas orientadoras do movimento associativo?**

Não vejo outra forma de a causa estudantil se apresentar a não ser como uma causa de futuro e uma causa progressista. É necessário que o movimento estudantil diga claramente que está à procura do desenvolvimento, que está à procura da Europa do conhecimento, que está à procura de um modelo social numa luta contra os pressupostos da globalização neo-liberal, que equiparam o público ao privado e que destroem o conceito de bem público e de universidade pública. Deve-se manter uma discussão global e não sectária da causa estudantil.

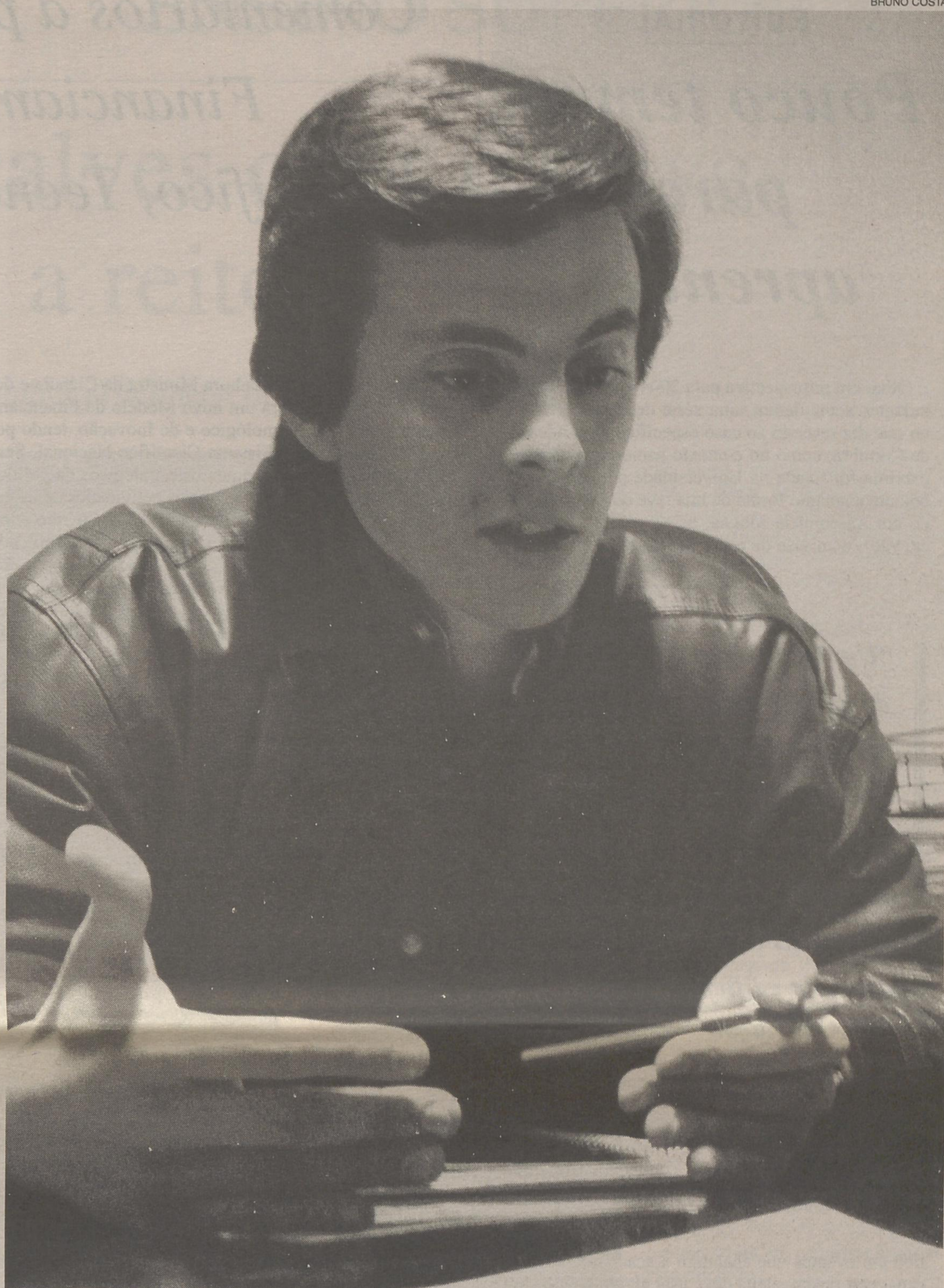
**Qual o balanço que fazes do trabalho da ministra da Ciência, Inovação e Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, que nunca se pronunciou sobre a luta estudantil? E tendo em vista as eleições antecipadas, pensas que é o momento certo para as reivindicações dos estudantes serem escutadas?**

Eu acho que é o momento para que os estudantes deixem bem vinculada a causa estudantil. Aliás, não se espera que o próximo Governo venha fazer grandes reformas neste sector, porque em 97 foi um governo socialista que abriu as portas para a política que hoje estamos a viver, pelo que não se espera que realmente o próximo governo vá ter uma política diferente. Neste momento de transição, os estudantes têm que deixar bem claras as suas posições. E é importante que o próximo governo tenha em conta a luta estudantil como uma forma de travar as reformas que já foram levadas a cabo, assim como uma forma de repensar toda a política para o ensino superior. Portanto, é o momento, sem dúvida, de apresentar reivindicações e de contestar.

**“Gerir politicamente a AAC é muito complicado”**

**O que levas da experiência na direcção-geral, não só como presidente, mas também como administrador?**

São coisas totalmente distintas. Enquanto administrador, é óbvio que se acompanham os assuntos,



“O próprio conceito de universidade está em crise”, afirma Miguel Duarte

que se está nas reuniões, que se vai conhecendo a Associação Académica de Coimbra, mas é uma função mais voltada para dentro da casa, não é uma função política. A partir do momento em que se é presidente, ganha-se uma concepção totalmente distinta daquilo que é a academia. Aliás, só durante o mandato é que nos vamos realmente apercebendo da responsabilidade que é orientar a Associação Académica de Coimbra, pela sua diversidade e, acima de tudo, porque é um microcosmos único. Não há movimentos activos noutras academias do país como há em Coimbra. Aqui há um conjunto de movimentos singulares que nela participam activamente. E mesmo que não seja um número significativo de pessoas, são pessoas que estão na luta estudantil e que ao mesmo tempo participam activamente nos processos de discussão. E concluí que gerir politicamente a Associação Académica de Coimbra é muito complicado, é um exercício que vamos aprendendo a fazer ao longo do mandato.

**Que conselho dás ao novo presidente agora eleito?**

Sem cair em paternalismos, considero que realmente o presidente deve ter a noção clara de que a cau-

sa estudantil tem que ser obrigatoriamente defendida de uma forma futurista e virada para os pressupostos que já referi. Portanto, aquilo que eu gostava realmente de ver no futuro era um projecto político que fosse uma consolidação daquilo que fomos construindo ao longo deste ano, e que não fosse um retrocesso desta discussão. Portanto, o conselho que deixo é sobretudo este: que não haja qualquer retrocesso na discussão da causa estudantil, e que se saiba realmente manter esta discussão no conceito global da Europa do conhecimento e na discussão da oposição a uma globalização neo-liberal.

**E agora? Vais voltar à faculdade ou um futuro próximo pode passar pela política, uma vez que nunca negaste a tua filiação à Juventude Socialista?**

Para já, a minha prioridade é terminar o curso. Aliás, foi por isso

que nem sequer pensei em me candidatar. A vida política, nunca a abandonamos, independentemente da vida partidária, que são coisas totalmente distintas. A vida política vou obviamente mantê-la, quanto

mais não seja em pequenas tertúlias com os amigos. E acho importante que isso se mantenha entre todos os que fizeram parte da direcção-geral e espero que pelo menos tenham aprendido isso durante o período em que se esteve na academia. De qualquer forma, a vida partidária é uma hi-

pótese que não está posta de parte, mas não me vou envolver nela a curto prazo. A vida partidária também implica um esforço individual que não está neste momento ao meu alcance, porque pretendo terminar a licenciatura o mais rapidamente possível. É essa a minha prioridade.

Entrevista alargada em **acabra.net**.



## EDITORIAL

## Pouco tempo para aprender

Olhar em retrospectiva para 2004 é ver que os estudantes acumularam uma série de derrotas, tanto no que diz respeito ao caso específico da academia de Coimbra, como no contexto nacional: a propina máxima foi fixada na Universidade de Coimbra, o boicote enquanto forma de luta teve que ser revogado em Assembleia Magna, os estudantes exigiram em vão a demissão do reitor Seabra Santos, a Lei de

Bases da Educação não recuou um milímetro, o movimento estudantil nacional deu ainda mais provas de falta de coesão e empenho e o Governo caiu. Este último acontecimento não teria sido uma derrota não fosse o facto (e não podem restar quanto a isto quaisquer ilusões) de o movimento de contestação estudantil não ter sequer beliscado a estabilidade do executivo. Fosse outro o primeiro-ministro e, provavelmente, o Governo continuaria a conduzir sem grandes problemas a política educativa que até aqui levou a cabo.

Num ano que foi rico em eventos que abalaram a academia, a direcção-geral recém-eleita deve usar algum tempo para analisar os últimos meses e aprender com o que falhou. A equipa de Miguel Duarte fez um bom trabalho (e ingrato, porque pouco reconhecido pela maioria dos estudantes) de análise do estado do ensino superior público em Portugal. Apresentou, por mais do que uma vez, documentos válidos, de grande valor informativo. Chegou a levar esse trabalho aos grupos parlamentares. É pena que, na sua globalidade, tenha tido muito pouco impacto. Uma estratégia possível para reverter a situação teria sido aproveitar as acções de contestação de rua de grandes dimensões (uma manifestação nacional, por exemplo) para fazer uma conferência de imprensa de apresentação desses documentos.

Ora, a direcção-geral de Fernando Gonçalves começará a trabalhar numa altura em que o país é dirigido por um Governo de gestão e quase em vésperas de eleições. Como qualquer equipa nova, haverá um tempo de adaptação às funções. Mas é preciso não deixar fugir esta conjuntura particular. Janeiro e Fevereiro não é cedo nem para a contestação na rua, nem para reuniões com os partidos e trabalho de gabinete.

De resto, só há razões para optimismo. Estas eleições foram as mais concorridas dos últimos anos. A lista vencedora conseguiu o voto de quase quatro mil estudantes. À nova direcção-geral só resta conseguir que esses estudantes trabalhem em prol daquilo que foi uma das bandeiras da candidatura — “uma academia de causas”. Um bom ponto de partida seria conseguir que o dia de eleições não fosse aquele em que mais se agitam os corredores do edifício da Associação Académica de Coimbra. **João Pereira**

Cartas ao director podem ser enviadas para [direccao@acabra.net](mailto:direccao@acabra.net)

## Comentários à proposta do Modelo de Financiamento do Sistema Científico, Tecnológico e de Inovação

Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas\*

Foi apresentado pela Senhora Ministra da Ciência e do Ensino Superior a proposta para um novo Modelo de Financiamento do Sistema Científico, Tecnológico e de Inovação, tendo por objectivo a dinamização do Sistema Científico Nacional. Sendo o financiamento um dos instrumentos estratégicos da política científica nacional, e considerando que as actividades de investigação, pela sua natureza, requerem uma actuação de médio e longo prazo, torna-se indispensável criar condições de estabilidade ao sistema científico, tecnológico e de inovação. Por esta razão é desejável que o modelo de financiamento a adoptar mereça um consenso alargado. O modelo agora apresentado, e descrito no documento disponibilizado para discussão pública, é francamente positivo, consagrando diversos elementos de reconhecimento e promoção da qualidade, e promovendo um aumento da transparência do sistema de financiamento. Medidas neste sentido constituem, sem dúvida, um importante estímulo aos investigadores e às instituições que têm prosseguido políticas consistentes de investimento em recursos humanos, no sentido de possibilitar a criação de massas críticas, criação de infra-estruturas de investigação e de transferência de tecnologia, e mobilização de recursos materiais e financeiros.

No desenvolvimento dos princípios e na sua tradução em factores de financiamento existem alguns aspectos que merecem reparos, e outros que deverão ser objecto de reflexão mais aprofundada. Cabe aqui referir que o período concedido para a discussão do modelo proposto é manifestamente escasso, limitando as possibilidades de reflexão e interacção entre os diversos agentes e parceiros do sistema. Um primeiro comentário é suscitado pela ausência de qualquer referência às Universidades, que são, como é reconhecido, o principal agente do Sistema Científico Português. Sendo inquestionável que o financiamento deverá ser concedido às unidades de investigação, considera-se desejável que seja definido um mecanismo de financiamento estratégico a estas instituições, que possibilitem, designadamente, o desenvolvimento inicial de actividades de investigação em áreas emergentes, função para a qual se encontram vocacionadas. Actividades de investigação são desenvolvidas em todas as áreas do saber, contribuindo, de diferentes maneiras, para o desenvolvimento da sociedade. A interligação entre diferentes domínios, por vezes aparentemente não relacionados, está, frequentemente, na base de desenvolvimentos técnicos, científicos, organizacionais, artísticos e culturais.

Neste sentido, considera-se que o modelo proposto deve ser reformulado, para assumir um carácter mais abrangente, de forma a permitir que nele se revejam as equipas de investigação de todas as áreas do saber.

Uma segunda reflexão incide sobre a nova organização das entidades do sistema e, em particular, às diferentes tipologias das entidades de I&D. A manutenção de Grupos de I&D de dimensão muito reduzida poderá ter um efeito desagregador, contrariando as políticas até agora prosseguidas, de promover a criação de massas críticas e de fomentar a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade. Por este motivo considera-se positivo o aumento da dimensão mínima das unidades de investigação, de três doutorados (no actual modelo) para sete doutorados. Adicionalmente, recomenda-se que esta preocupação seja tida em linha de conta, na definição final dos diferentes factores do modelo de funcionamento, de forma a encontrar o equilíbrio necessário entre o estímulo à excelência e o fomento de unidades de dimensão adequada. É de louvar o aumento de transparência na atribuição de financiamento aos Laboratórios Associados, factor que contribui para a consolidação do sistema. Uma melhoria adicional poderá ser obtida através da clarificação da articulação entre as entidades de I&D enumeradas (Grupos, Centros e Institutos) e os Laboratórios Associados existentes ou a criar. É referido que “às Unidades de I&D pode ser atribuído, através de concurso, o estatuto de Laboratório Associado”. No entanto, o actual perfil dos Labora-

tórios Associados parece ser essencialmente compatível com a figura de Instituto de I&D.

O reforço de financiamento concedido aos Laboratórios Associados é apresentado, unicamente, como um programa de contratação de doutores. Esta medida é redutora em termos do carácter específico destes Laboratórios. Por outro lado, sendo a problemática do emprego científico uma questão crucial para a promoção das actividades de I&D, não se compreende que o estímulo através de programas de contratação de doutores não esteja previsto para outras unidades, de reconhecido desempenho, ou com potencial para alcançar massa crítica. Sugere-se que o modelo de financiamento inclua estímulos ao funcionamento em rede de entidades de investigação, à semelhança do que é já corrente em termos internacionais, de forma a potenciar a complementaridade de valências e a racionalização de recursos, promovendo assim um investimento em I&D de maior eficácia.

Em relação ao modo de cálculo do financiamento considera-se positiva a manutenção do princípio de uma base de financiamento definida em função do resultado obtido na Avaliação Externa Internacional e do número de doutorados elegíveis que integram a unidade. Este modelo, aplicado durante a última década, tem tido uma apreciação globalmente positiva.

Por esta razão, afigura-se de difícil compreensão que, a unidades avaliadas externa e internacionalmente com a mesma classificação, possam ser atribuídos financiamentos muito diferentes, por via da aplicação de um conjunto de factores modificadores. Tal diferenciação, que não se confina à definição de áreas politicamente consideradas como prioritárias, configura uma verdadeira sobreposição à avaliação externa das entidades de I&D. Adicionalmente, é com grande preocupação que se constata que o valor base de financiamento proposto por doutorado pode conduzir a um desinvestimento no sistema científico. De facto, o aumento do diferencial entre o valor base por doutorado atribuído a unidades avaliadas com “Excelente” e “Muito Bom”, pretendendo certamente premiar a excelência, é obtido, não através do aumento do valor base nas unidades consi-

deradas “Excelentes”, como seria desejável, mas através da diminuição do valor concedido às unidades avaliadas com “Muito Bom”.

Analisaremos de seguida os diferentes factores propostos no modelo de financiamento. O factor de majoração de intensidade tecnológica e experimental introduz uma diferenciação por área de investigação, o que permitirá reflectir a diversidade de custos correntes de investigação por domínios. No entanto, a aplicação deste factor afigura-se problemática, quer pelo carácter multidisciplinar de diversas entidades de investigação, quer pela própria heterogeneidade das actividades de investigação dentro de algumas áreas. Refira-se que o documento disponibilizado não inclui uma proposta concreta neste particular. (...)

Em matéria de elegibilidade de doutorados considera-se positiva a definição de critérios em função não só do tempo de dedicação, mas também de produção científica, bem como a criação de um regime especial para os recém-doutorados. Sugere-se que um regime semelhante seja adoptado para doutorados que retornem ao sistema após o desempenho de outras actividades (cargos públicos, cargos de gestão, actividade empresarial, outras situações).

Considera-se extremamente positiva a concessão de um estímulo à excelência dos investigadores, permitindo reconhecer e recompensar a actividade individual, medida que poderá contribuir também para a fixação de cientistas jovens de reconhecida qualidade. Neste sentido propõe-se que os critérios agora propostos sejam revistos, no sentido de considerar a intensidade da produção científica, e aferidos por área.

\*Parecer elaborado a 30 de Abril de 2004



## ENSINO SUPERIOR 5

# Fernando Gonçalves quer resolver problemas com a reitoria

O recém-eleito presidente da academia de Coimbra já delineou objectivos para o mandato

**Cerca de duas centenas de votos de diferença ditaram a vitória de Fernando Gonçalves na corrida para a liderança da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). O novo presidente afirma ter uma equipa coesa e nega qualquer coligação entre juventudes partidárias**

Catarina Ferreira  
Margarida Matos

Depois de ter ganho as eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra, Fernando Gonçalves prepara-se agora para tomar posse em Janeiro. Como prioridades para o início de mandato apresenta, entre outras, a resolução dos problemas com a reitoria e a dinamização cultural e desportiva da academia.

No final do processo eleitoral, Fernando Gonçalves garantiu "estar muito feliz por este trabalho, de longos meses, que foi muito difícil". Elogiou ainda o desempenho de "uma equipa que deu muito nas faculdades, nas reuniões e nos grupos de trabalho".

O estudante de Direito define como objectivos a curto prazo "a luta por um ensino superior público, universal, gratuito e de qualidade, assim como a realização de grandes eventos culturais e desportivos e uma maior ligação com a sociedade civil". Fernando Gonçalves defende ainda uma "academia de causas, solidária, uma academia de voluntariado, uma academia de Coimbra, como sempre foi".

Quanto às futuras relações dos estudantes com a reitoria da Universidade de Coimbra, o recém-eleito presidente considera "que se vive uma grande tensão, neste momento, entre os estudantes e o corpo docente, nomeadamente a reitoria". E explica: "O reitor comprometeu-se com várias posições durante o período eleitoral, que, depois, na realização do trabalho, não cumpriu. Há vários problemas que vamos ter de analisar com a reitoria, e tentar resolver, porque, a bem de todos, a universidade tem de estar unida".

Rejeitando a conotação da equipa que encabeça com uma qualquer coligação entre JS e JCP, Fernando Gonçalves salienta que "há militantes de outras juventudes partidárias", mas que, em qualquer caso, a AAC não estaria vulnerável a in-



Depois da vitória eleitoral Fernando Gonçalves começa a planear a liderança da Associação Académica de Coimbra

fluências. E realçou ainda que "nada disso vai influenciar uma lista que foi constituída com base nas faculdades, nos órgãos de gestão, e em todo o trabalho de anos e anos de muitas pessoas, que, apesar de terem as suas convicções, ou partidárias ou políticas, nunca deixaram que essas convicções pusessem em causa o trabalho de uma academia, de uma universidade ou daquilo que se desenvolvesse".

Questionado sobre se o facto de ser militante da JS pode vir a ajudar na liderança da AAC caso o PS chegue ao Governo nas próximas eleições legislativas, respondeu: "Nunca participei em nenhum acto de nenhuma juventude partidária, nunca participei em nenhum Governo, nunca deixarei que a academia de Coimbra se confunda com qualquer cor partidária. Nós somos uma equipa da academia de Coimbra, somos uma equipa dos estudantes".

Por outro lado, logo no rescaldo do resultado eleitoral, Cláudio Schulz mostrou-se "triste", mas considerou que a sua lista "morreu de pé" e que obteve um bom resultado. Em análise ao projecto da lista S,

o seu dirigente não deixou de o considerar um "projecto coerente e forte". A partir de agora, Schulz pretende voltar a concentrar-se no curso, mas garante que estará "sempre presente e atento às iniciativas da associação, participando, não como lista, mas como estudante".

Os projectos M e E, que ficaram de fora da segunda ronda de eleições, fazem críticas ao processo eleitoral e deixam alertas para o trabalho a ser desenvolvido pela equipa de Fernando Gonçalves.

Renato Teixeira, do projecto MUDA AAC, refere que os resultados obtidos pela lista M, na primeira volta, "eram os esperados pelos membros do movimento que de alguma forma tinham vindo a sufragar em Assembleias Magnas uma estratégia de luta mais avançada". Já face aos resultados eleitorais da segunda volta, alerta para o facto de se dever ter em conta que as listas concorrentes, com os slogans "Reage" e "Exige Sempre Mais", "se resumiram à frase 'Todos diferentes, todos iguais'". Assim, "tanto o projecto R como o projecto S apresentavam a mesma política, ou seja, nenhuma

estratégia". Renato Teixeira lamenta ainda que ambas as listas tenham tido duas "máquinas de cacique, anti-democráticas que garantiram um exército de voto inconsciente" e lamenta que nenhum dos candidatos se tivesse pronunciado face à queda do Governo.

Em relação à nova equipa da DG/AAC, o estudante refere que embora a nova direcção-geral ainda

não tenha tomado posse, "já começou a violar decisões de Assembleias Magnas", pois "anunciou marcar uma reunião com o reitor Seabra Santos, quando as Assembleias Magnas tinham deliberado que não haveria diálogo com o reitor". E conclui ao dizer "que gostava imenso que Fernando Gonçalves tivesse as cerca de 4000 pessoas que votaram nele a trabalharem com a sua equipa e a participarem nas Assembleias Magnas".

Por seu lado, Cátia Almeida, que foi candidata pelo projecto E, afirma "que não esperava mais votos", mas admite que a lista ficou "um pouco triste por não ter conseguido chegar junto do público-alvo, que eram os estudantes que votaram em branco e que foram cerca de 700". E sublinha: "Não conseguimos mais votação por falta de informação, uma vez que tínhamos poucos meios financeiros para proceder a uma maior divulgação".

Já no que diz respeito à segunda ronda, a estudante de Direito afirma que ficou contente pela recuperação da Lista S: "Conseguiram diminuir uma diferença de 600 votos para uma de 200 o que acaba por tornar a derrota mais amarga". E continua: "Também fiquei contente por ter havido tantos votos brancos e por as pessoas terem ido expressar às urnas essa intenção".

Cátia Almeida anunciou ainda que o projecto E "vai começar agora com uma vertente política e com uma vertente cívica". Assim, já esta semana vão distribuir cobertores e alimentos aos sem abrigo e estão previstas para Janeiro acções de formação de informática, língua portuguesa a estudantes timorenses.

Quanto às expectativas em relação à nova equipa nos comandos da DG/AAC, Cátia Almeida afirma estar com "muito medo", pois "o Fernando Gonçalves vai ter que possuir muita capacidade para gerir sensibilidades partidárias tão extremas como aquelas que compõem a sua equipa".

## R ganha em eleições muito concorridas

Fernando Gonçalves foi eleito, à segunda volta, presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, por uma diferença de 196 votos em relação a Cláudio Schulz.

Este acto eleitoral foi um dos mais concorridos dos últimos anos, tendo votado na segunda volta 8186 estudantes e registando-se, deste modo, um ligeiro acréscimo em relação aos números da primeira volta.

Na segunda volta, a lista S recuperou da desvantagem de quase 600 votos, mas não foi o suficiente.

O projecto R conseguiu obter a vitória nas faculdades de Psicologia e Ciências da Educação, Direito, Desporto e Educação Física, Farmácia e Medicina. Já o projecto S ganhou as faculdades de Ciências e Tecnologia, Economia e Letras.

O presidente da Comissão Eleitoral, António Silva faz um balanço positivo do escrutínio. Quanto ao cacique, diz ser "uma realidade", mas fica satisfeito por a sua equipa ter conseguido evitar o "cacique agressivo em que as pessoas são levadas quase à força às urnas".



# Alunos da ESEC reclamam novas instalações

Depois de a Escola Superior de Educação de Coimbra ter sido encerrada a cadeado no início deste mês, a instituição voltou ao funcionamento para não prejudicar os alunos. No entanto, os estudantes prometem continuar a luta

Patrícia Xavier  
Ticiania Xavier

Apesar da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC) ter reaberto as suas portas na passada semana, os estudantes continuam em protesto. Tem sido colocado diariamente um tijolo em frente do edifício, simbolizando a construção de uma nova escola. Os estudantes prometem continuar com esta medida até que sejam atribuídas verbas para realizar esse projecto. O gradeamento da escola encontra-se também revestido de faixas pretas, com mensagens em sinal dos protestos dos estudantes.

O presidente da Associação de Estudantes da Escola Superior de Educação de Coimbra (AESEC), Laurindo Filho, explica que a escola reabriu na passada segunda-feira “para que os alunos não sejam prejudicados”, mas garante que “a luta vai continuar”. E considera “que, apesar de tudo, o balanço da semana é positivo, pois no “no primeiro dia de greve, foi elaborado um mural com mensagens escritas pelos alunos pedindo ao presidente do Instituto Politécnico de Coimbra (IPC),



Os alunos da ESEC voltaram às aulas mas continuam a protestar pela falta de condições

Torres Farinha, apoio para a construção de uma nova escola”.

Quanto a novas acções de protesto, Laurindo Filho refere que vai ser enviado um dossier ao Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior, com o resumo dos protestos dessa semana de contestação, assim como um abaixo-assinado dos alunos. Além disso, vai ser realizado de

novo um cordão humano em redor do quarteirão onde se situa a ESEC, ainda em data a definir. Contudo, desta vez, “a acção de protesto não vai só contar com a presença dos estudantes, mas também dos professores, funcionários e de todos os que estiverem solidários com a causa ‘esequiana’”, porque “esta é uma luta de todos”, defende Laurindo Fi-

lho. O estudante salienta ainda que, o presidente da ESEC, João Orvalho, “promete fazer tudo o que for possível para ajudar os alunos a lutarem por novas instalações”.

As razões do descontentamento

A Escola Superior de Educação encontra-se dividida em dois pólos, cujas condições se encontram em es-

tado bastante precário. Para além das más instalações, o Pólo II pertence ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra e está classificado como sendo “ruínas da cidade”. Com capacidade para cerca 600 alunos, actualmente a ESEC alberga quase 1700.

No rol das queixas está ainda o facto de a ESEC não possuir uma biblioteca, um bar, uma sala de convívio ou mesmo cadeiras e mesas suficientes para os alunos poderem assistir às aulas. Para além disso, o único transporte público disponível para o Pólo II não tem um itinerário directo dando, assim, uma volta demorada pela cidade.

A este respeito, o presidente do Instituto Politécnico de Coimbra, Torres Farinha, assegura “conhecer o estado de insuficiência de instalações, bem como a degradação das mesmas, incluindo a sua dispersão geográfica pela cidade”. Por outro lado, “não apoia posições como a do encerramento da escola a cadeado. No entanto, “nega que seja uma perda de tempo dirigir-se à ESEC para falar aos alunos” e coloca-se, por isso, “à completa disposição dos alunos para qualquer esclarecimento no IPC ou nos fóruns próprios para discutir o assunto”. Acrescenta ainda que “difícilmente” vai conseguir que a ministra Maria da Graça Carvalho venha a Coimbra: “Tendo já mantido conversações com os vários ministros que alternaram no poder nos últimos dez anos, nomeadamente o ministro Pedro Lynce aquando do retirada das verbas de PIDDAC atribuídos à ESEC, nunca recebi respostas”. Assim, insatisfeito com as condições da escola, propõe a formação de uma comissão de alunos, a qual apoiaria, para protestar em Lisboa, frente ao Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior.

## “Sorriso aberto” procura voluntários

“Basta um sorriso para ajudar alguém” é o lema do projecto de voluntariado desenvolvido por estudantes da faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. O projecto, iniciado há três anos, conta cada vez mais com uma maior participação de estudantes

Raquel Carvalho  
Joana Gante

Está a decorrer mais uma campanha de captação de novos voluntários para o pro-

jecto de voluntariado “Sorriso Aberto”. Criado no ano lectivo de 2002/2003 por estudantes da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC), tem como objectivo atrair estudantes e o resto da sociedade civil para acções de solidariedade em instituições de acção social em Coimbra. As acções realizadas pelo projecto estudantil são bastante diversas e abrangem desde o trabalho de secretariado, ao contacto directo com os utentes.

Uma das coordenadoras do projecto, Vera Joaquim, explica que, embora esta ideia tenha surgido em 1997, só foi formalizada no ano lectivo de 2002/2003, passando a contar com o apoio do Núcleo de Estudantes de Psicologia e Ciências da Educação, que ficou “sensibilizado com a importância desta iniciativa”.

A estudante afirma ainda que “a acção levada a cabo por este projecto é bastante importante, na medida em que há várias instituições que são quase exclusivamente suportadas por estudantes do ensino superior”. E sublinha “que, ao contrário daquilo que se possa pensar, existem mais pessoas a voluntariarem-se do que as instituições existentes”.

Assim, ao longo destes anos, o “Sorriso Aberto” tem recebido a contribuição de vários voluntários, orientando-os para as diversas instituições envolvidas, tendo em conta o interesse do voluntário e a compatibilidade entre os horários do voluntário/instituição. Além disso, ainda oferece formação e cria projectos para serem aplicados nas instituições. Com algumas delas trabalha de forma permanente e, com outras, apenas em acções pontuais, como é o caso

do Banco Alimentar ou da Liga contra o Cancro.

Outra das coordenadoras, Inês Vinagre, testemunha que “com estas experiências de solidariedade deu de caras para a realidade, com os problemas com que se deparam as pessoas mais necessitadas”. A estudante destaca, das acções em que já participou, o facto de ter leccionado inglês para crianças abandonadas, no Colégio de São Caetano.

Ambas as coordenadoras são unânimes em considerar “que o voluntariado é sem dúvida uma experiência gratificante” referem ainda que “um dos maiores obstáculos é conseguir um distanciamento em relação às pessoas com que lidam”.

Para quem estiver interessado em colaborar com este projecto de voluntariado, basta dirigir-se à FPCEUC ou visitar o blog <http://www.sorrisoaberto.blogspot.com>.



**CASTELLO LOPES**  
CINEMAS  
C.C. Girassolum  
Coimbra

**A PROJECTAR EMOÇÕES. DESDE SEMPRE.**  
Peça já o seu cartão cliente nas nossas bilheteiras e descubra as vantagens

Próximas estreias:

**DIA 16/12 - UMA SÉRIE DE DESGRAÇAS**

Realizado por BRAD SILBERLING

Com: JIM CAREY, MERYL STREEP, JUDE LAW

**DIA 23/12 - O FANTASMA DA OPERA**

Realizado por JOEL SCHUMACHER

Com: GERARD BUTLER, EMMY ROSSUM, MIR. RICHARDSON

PUBLICIDADE



# Universidade a património mundial

A história da universidade e os monumentos mais emblemáticos são os argumentos mais fortes desta candidatura

**A Câmara Municipal de Coimbra e a Reitoria da Universidade de Coimbra assinaram um protocolo que visa preparar a candidatura da Alta da cidade a património da UNESCO**

Milene Cunha  
Cláudia Oliveira

No início deste mês foi estabelecido um protocolo entre a autarquia e a Universidade de Coimbra (UC) para uma cooperação entre as duas instituições. O objectivo é que em 2008 vários edifícios, sobretudo da Alta e muitos dos quais pertencentes à universidade, sejam considerados património da humanidade.

Na opinião do reitor da UC, Seabra Santos, os "laços profundos" que existem entre a cidade e a UC justificam a colaboração das duas entidades. A intenção é apresentar a proposta à UNESCO dentro de três a quatro anos. O catedrático de Engenharia Civil explica: "É preciso preparar conteúdos para apresentar uma candidatura ganhadora". O protocolo define, assim, um "intercâmbio de informação privilegiada relativa à história da cidade e da Universidade de Coimbra" para a produção de conteúdos e materiais necessários à fundamentação



Alta universitária poderá vir a ser património da Humanidade

da candidatura.

Entre os edifícios abrangidos no âmbito da candidatura constam a Biblioteca Joanina (monumento nacional), os antigos colégios, o Jardim Botânico, a Sé Nova e o Colégio de Jesus, a Igreja de Santa

Cruz, o Jardim da Manga, o Jardim da Sereia, o laboratório Químico, a Catedral, as faculdades e as repúblicas situadas na Alta, o edifício da Reitoria, a Torre da Universidade, a Via Latina, a Sala dos Capelos, a Porta Férrea e o Arquivo.

Os promotores da iniciativa consideram que a universidade é a grande responsável pela construção da identidade nacional "no que esta tem de mais conservador e de mais avançado, tendo iniciado os primeiros movimentos de contesta-

ção que fizeram cair a última ditadura da Europa e o último império colonial europeu".

Os argumentos para a candidatura baseiam-se no facto de a UC, criada em 1290, ser uma das mais antigas universidades da Europa. A Universidade de Coimbra contribuiu para a consolidação da língua portuguesa, com um papel fundamental na expansão linguística. O conhecimento produzido na instituição influenciou o nascimento do pensamento político, filosófico, urbanístico e cultural na era do império português. Exceptuando o caso da Universidade de Évora, entre os anos de 1559 e 1759, a Universidade de Coimbra era a única existente no país.

A primeira etapa deste processo vai passar pela restauração destes espaços. Segundo o presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, "é necessário que a Alta seja definitivamente recuperada para estar a par da universidade". Estes trabalhos foram recentemente iniciados e decorrem, na opinião do edil, "a bom ritmo", sendo um "trabalho que é para continuar". Neste âmbito vão ter lugar iniciativas como a "organização de eventos científicos e culturais e a produção, edição e divulgação de materiais relacionados com temas e áreas incluídos na candidatura a Património Mundial".

A candidatura, a cargo do Governo Português - que só apoia um local por ano - vai ser posteriormente avaliada pelo organismo da ONU vocacionado para a cultura, ciência e educação.

## Alteração das licenciaturas agendada para 2006

**O governo adiou para 2006 a redução das licenciaturas para três anos. A ministra do Ensino Superior afirma que a dissolução do Parlamento atrasa a revisão dos graus académicos imposta pelo processo de Bolonha**

Liliana Guimarães

Segundo Maria da Graça Carvalho, a redução das licenciaturas, inerente à harmonização do ensino superior prevista na Declaração de Bolonha, implicava rever a Lei de Bases da Educação e este executivo já não tem tempo para isso. Era, pois, necessário

retirar um grau académico - licenciatura ou bacharelato - e aprovar o decreto-lei com a nova estrutura de graus.

Portugal, bem como 40 outros países, comprometeu-se, em Berlim, a aplicar em 2005 o novo sistema de graus de ensino, o sistema de European Credits Trading System (ECTS), bem como as directivas do suplemento do diploma, que visam "a adopção de um sistema com graus académicos de fácil equivalência". Portugal falha assim, parte do compromisso. No entanto, está marcado para Abril a discussão do ponto de situação da adopção da Declaração de Bolonha em Portugal. No início deste mês foi apresentado um relatório com a estrutura curricular de todas as áreas de conhecimento que vai estar em discussão pública até ao final de Janeiro.

O relatório de implementação do Processo de Bolonha a nível nacional, encomenda-

do pela ministra Maria da Graça Carvalho, foi realizado por 23 coordenadores, entre os quais três da Universidade de Coimbra. A maioria dos grupos de trabalho optou pelo sistema de um primeiro ciclo de formação de três anos e um segundo de dois. Nestes casos, o primeiro ciclo de formação vai ser equivalente a seis semestres - 180 unidades de ECTS - e o segundo a quatro semestres - 120 créditos.

De acordo com informação do Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior (MCIES) vai ser adoptado um modelo de financiamento generalizado do primeiro ciclo e um modelo diferenciado para o segundo ciclo. Nas áreas que exijam a frequência dos dois ciclos de formação para aceder à profissão, o MCIES garante o financiamento das formações de segundo ciclo.

O relatório coordenado por Veiga Simão, ex-ministro da Educação, apresenta as ciên-

cias humanas, sociais, políticas e da educação como algumas das áreas a adoptarem o modelo "3+2" no ano lectivo 2006/2007. As excepções a este modelo são os cursos cuja duração mínima obrigatória é de cinco ou seis anos e é estipulada por directivas comunitárias. São exemplos os cursos de Medicina, Medicina Dentária e Medicina Veterinária, assim como as Ciências Farmacêuticas e Arquitectura. O curso de Direito não é regido por normas comunitárias, mas o grupo de trabalho aponta para uma formação entre nove a 10 semestres, sem espaço para segundo ciclo de formação. Os cursos de Desporto, Escultura, Pintura e Design também serão excepções, com oito semestres de formação no primeiro ciclo e dois no segundo. Os cursos de Enfermagem e Tecnologias de Saúde vão ter também oito semestres de formação inicial e quatro semestres no segundo ciclo.

PUBLICIDADE

**SEXTA**  
informática Multimédia Loja  
GERAÇÃO

**INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...**

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,  
4º Piso, Loja 416  
3000 Coimbra  
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: [www.6Geracao.web.pt](http://www.6Geracao.web.pt)

e-mail: [avenida416@hotmail.com](mailto:avenida416@hotmail.com)



## 8 CIDADE



*Um dos jardins mais conhecidos da cidade vai ser alvo de uma requalificação*

FRANCISCA MOREIRA

## Traçado do metro alterado

O percurso urbano do Metropolitano Ligeiro do Mondego (MLM) foi alvo de uma ligeira alteração. Esta mudança consiste no prolongamento do túnel, que inicialmente estava previsto desde o cimo do Jardim da Sereia até à Cruz de Celas, e agora se alonga até aos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC). Com esta mudança, a estrutura passa a ter um quilómetro de comprimento, em vez dos quatrocentos metros que tinham sido idealizados numa primeira fase.

A alteração deve-se sobretudo a aspectos relacionados com a segurança e com o tráfego automóvel, evitando a circulação do metro pela Avenida Armando Gonçalves e o fecho da Rua José Falcão. Trata-se, portanto, de uma medida que visa alcançar um dos objectivos iniciais da criação do metro, que consistia em facilitar a circulação automóvel dentro do centro da cidade.

O MLM tem um custo estimado em cerca de 200 milhões de euros e envolve um circuito dentro da cidade de Coimbra, bem como a sua ligação com concelhos vizinhos, como o da Lousã e de Miranda do Corvo. A adjudicação da obra deverá ser feita nos próximos dois anos e prevê-se que o primeiro eléctrico comece a circular apenas no final de 2010 ou no início de 2011.

## Câmara promove recolha de brinquedos

A Câmara Municipal de Coimbra (CMC), em conjunto com o Complexo de Piscinas Rui Abreu, está a levar a cabo uma campanha de recolha de brinquedos, novos ou em bom estado, de modo a efectuar uma oferta às crianças mais necessitadas. A iniciativa enquadra-se na época festiva do Natal.

A actividade está em marcha desde o passado dia 6 e prolonga-se até ao próximo sábado. Os interessados em participar nesta recolha podem dirigir-se ao complexo de piscinas situado em Eiras e deixar os brinquedos num contentor existente para o efeito.

Após o processo de recolha, os brinquedos vão ser distribuídos pela câmara municipal por centros de acolhimento de crianças e jovens do distrito.

Para efectuar os donativos, o Complexo de Piscinas Rui Abreu está disponível de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas, e aos sábados, das 8 às 18 horas.

# Jardim da Sereia em obras

Primeira fase da remodelação deverá terminar em Junho do próximo ano

**O objectivo é tornar novamente o local num espaço convidativo para os cidadãos, afastando a marginalidade e a insegurança**

João Campos

As obras de recuperação e qualificação do Jardim da Sereia tiveram início na semana passada e prevêem uma remodelação total do espaço, de forma a que este se torne aprazível para quem o visita. A vereadora responsável pelos espaços verdes da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Teresa Violante, justifica este projecto como uma forma de “devolver à Sereia a dignidade que lhe é devida”.

Neste momento, e no âmbito desta obra, apenas a entrada de baixo do jardim está encerrada, mas as outras entradas também vão estar fechadas a curto prazo. No entender da vereadora, esta medida revela-se mais adequada em termos de segurança. “O espaço tem problemas graves de insegurança e marginalidade, que hoje em dia po-

dem constituir um risco ainda maior”, adianta.

Esta questão da insegurança e da marginalidade é também uma preocupação para a autarquia, ao ponto de estarem a ser estudadas medidas para a evitar. Uma das situações em discussão passa pela limitação do tempo de abertura do jardim. “O espaço está permanentemente aberto, sem qualquer restrição, e está em estudo o seu encerramento durante a noite”.

Este projecto é constituído por três fases. A primeira, já iniciada, passa por uma operação de limpeza de todo o património edificado, de forma a que essa parte fique completamente renovada e modificada. Para tal, vai proceder-se a uma requalificação dos torreões, do pórtico de entrada, da cascata e dos seus azulejos e das cantarias do campo de jogo da péla. Esta fase tem conclusão prevista para daqui a seis meses.

A segunda fase deste processo vai dar ênfase à biodiversidade e aos espaços verdes. Para tal, a CMC vai elaborar, em conjunto com a Associação Portuguesa de Jardins e Sítios Históricos, um plano director do jardim. Este plano visa estudar e indicar quais os tra-

balhos a realizar.

Esta intervenção abre caminho a uma terceira fase da obra, destinada à reconstrução da área que já existe, para construir um espaço com valências múltiplas, como uma casa de chá ou uma “coffee shop”. Teresa Violante afirma a importância desta terceira fase, “para que a cidade possa ter um jardim completamente novo e agradável, que possa proporcionar às pessoas aquilo que elas esperam de Coimbra”.

Para levar a cabo esta terceira fase, foi chamado Toyo Ito. O arquitecto japonês visitou recentemente o espaço e viu na água um elemento inspirador para efectuar o seu projecto. O Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) também vai intervir nestas duas últimas fases do processo.

No final das três fases Teresa Violante espera que o Jardim da Sereia possa devolver à cidade aquilo que se espera dele: “Está situado num espaço por excelência, numa zona central, próxima de serviços e da universidade, logo precisa de maior projecção”. A vereadora espera também que o espaço se livre da imagem menos positiva que tem actualmente e volte a ser

um pólo atractivo para os cidadãos. “Aquele local merece que as pessoas gostem dele, gostem de lá ir e que não tenham medo, que é o que acontece actualmente”, salienta Teresa Violante.

O Jardim da Sereia tem sido também palco de alguns espectáculos musicais a céu aberto, dos quais se destacou o concerto de Lou Reed no Verão de 2003. A vereadora do Ambiente afirma que este tipo de espectáculos irá continuar a realizar-se após as obras de recuperação, uma vez que “esses concertos conferem uma nova imagem para o espaço que ali existe e chama a atenção para a funcionalidade do jardim”. Nesse âmbito, e após toda esta remodelação, o número de concertos do Jardim da Sereia deverá ser feito em maior quantidade.

O espaço deverá reabrir ao público em Junho de 2005, altura em que termina a primeira fase do projecto. A conclusão das outras duas fases ainda não está prevista, uma vez que essa data não está só dependente da CMC, mas também de outras entidades envolvidas. Logo, e como afirma Teresa Violante, “a autarquia não pode adiantar uma data precisa”.



# Crise governamental com fim à vista

Coligação PSD/CDS-PP em dúvida, enquanto partidos de esquerda refutam tal hipótese

**Após Jorge Sampaio ter justificado a dissolução da AR, as legislativas de 20 de Fevereiro começam a centrar as atenções**

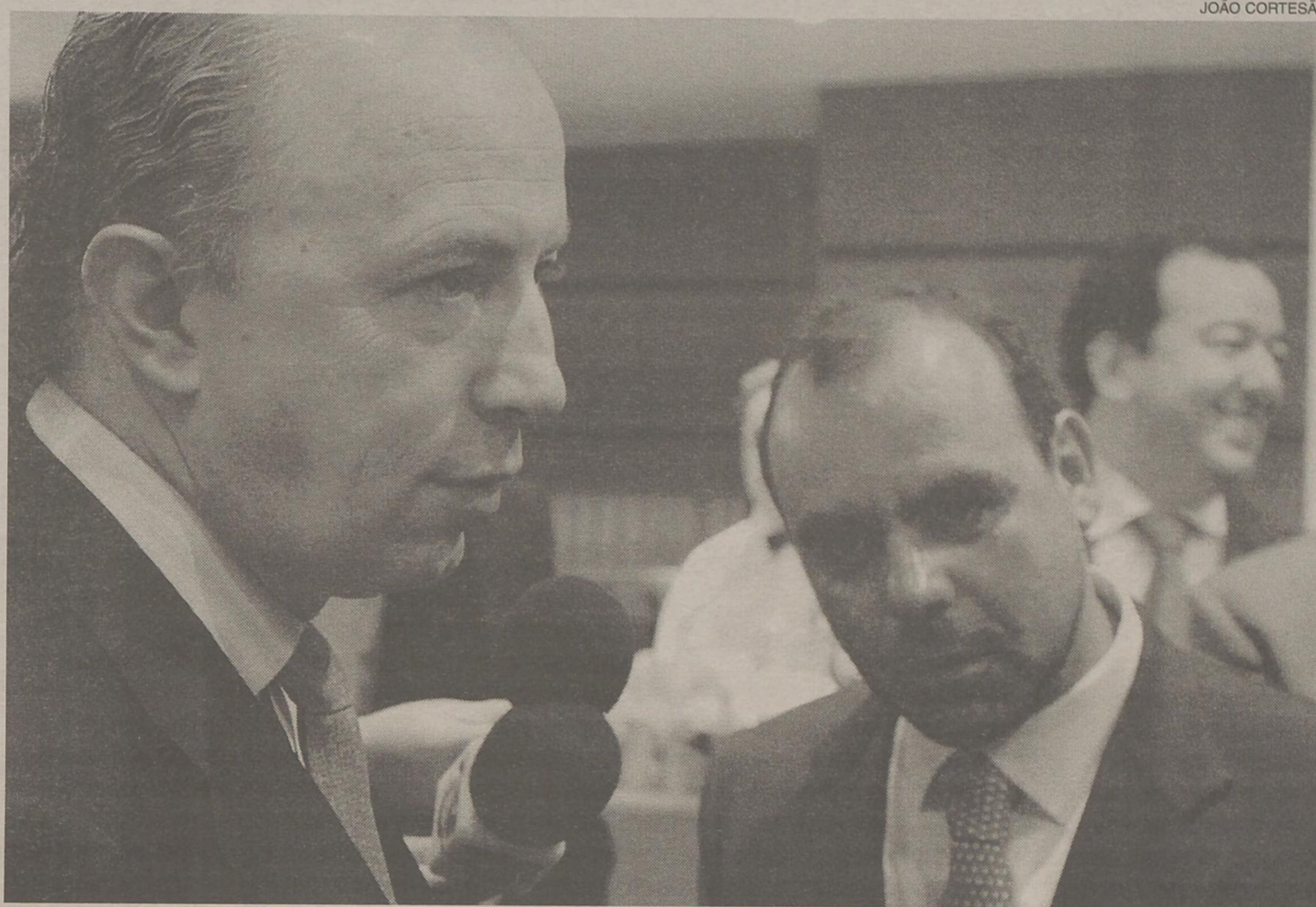
Hélder João Pinto  
Soraia Ramos

Depois do anúncio da dissolução do Assembleia da República (AR) e demissão do Executivo de Pedro Santana Lopes, no passado dia 30, Jorge Sampaio começou, na última semana, a cumprir os processos formais que levarão à realização de eleições legislativas antecipadas, as quais os partidos políticos se apressam a preparar.

A decisão foi recebida pelo ainda primeiro-ministro, Pedro Santana Lopes, com alguma incredulidade, afirmando que tinha apresentado todas as condições de estabilidade exigidas por Sampaio.

O anúncio veio trazer dúvidas quanto à continuidade da coligação PSD/CDS-PP. O líder popular e ministro da Defesa, Paulo Portas, já veio a público considerar a hipótese de ir a eleições sozinho. Se tal acontecer, o cenário de gestão governamental será bastante complicado, já que os dois partidos que ainda se mantêm no governo até às eleições terão de fazer campanhas separadas e concorrenciais.

O Presidente Jorge Sampaio apenas na passada sexta-feira se pronunciou formalmente sobre as razões que o levaram a tomar tal decisão, e anunciou a data das eleições para dia 20 de Fevereiro de 2005, após reunião com o Conselho de Estado que deu parecer favorável à dissolução da AR. Tendo em conta



Depois de ter apresentado a demissão do executivo, Pedro Santana Lopes prepara-se para as eleições de Fevereiro

a necessidade de as eleições serem marcadas com um prazo mínimo de 55 dias e máximo de 60 dias, tinham sido lançadas três datas possíveis: 13, 20 ou 27 de Fevereiro, que não tinham sido consensuais aos partidos com assento no Parlamento.

As causas avançadas pelo Presidente da República para a queda do Governo prendem-se com “sucessivos incidentes e declarações, contradições e descoordenações que contribuíram para o desprestígio do Governo, dos seus membros e das instituições em geral”. Embora sem particularizar, surgem como evidentes as referências de Sampaio a polémicas como a instabilidade existente no seio do próprio PSD, esteio do Executivo; a intromissão governa-

mental na comunicação social e a demissão de Henrique Chaves e ao seu comunicado em que acusava Santana de deslealdade.

## Coligações eleitorais ainda são incógnita

Esta medida presidencial tem diversas interpretações por parte dos vários partidos com assento parlamentar, que se aprestam a preparar a corrida às eleições de Fevereiro próximo.

Assim, Massano Cardoso, deputado do PSD, considera que a decisão de Jorge Sampaio possibilitou que a Assembleia da República fizesse uma “figura triste”, pois, nos últimos dias, “estivemos a trabalhar com morte anunciada, sem saber

porque”.

Também Anacoreta Correia, deputado do PP, discorda com a dissolução do Governo, porque “se devem evitar ciclos de governação curtos”, principalmente porque estava a decorrer “um conjunto de reformas necessárias ao país”. O deputado popular considera também que “apesar de se notar alguma instabilidade a nível interno, a nível parlamentar, em dois anos e meio, não houve nenhuma”, havendo “outras formas de solucionar o problema”.

Relativamente à apresentação de listas conjuntas de PSD e PP às legislativas, os dois parlamentares remetem a decisão para os seus líderes partidários. Contudo, a hipótese de haver uma coligação pré-eleitoral é

cada vez mais improvável.

Por outro lado, a deputada do PS Ana Benavente, considera que “a dissolução era absolutamente necessária para tornar a vida colectiva mais séria, saudável e positiva, já que a educação, a justiça e a economia viviam os piores tempos entre nós devido a vários factores, particularmente pelo primeiro-ministro não ter postura de estado”.

Quanto ao sufrágio de Fevereiro próximo, Benavente aponta como objectivo socialista a “maioria absoluta”, afirmando que a hipótese de uma coligação com um outro partido de esquerda, só se colocará mediante as circunstâncias do período pós eleitoral.

O recém-eleito secretário-geral do PCP, Jerónimo de Sousa, afirma que a dissolução da Assembleia “corresponde à vontade e aspirações da maioria do povo português” e que seria bastante superficial dizer que “a queda do Governo foi só devido a problemas internos”. Quanto à hipótese de qualquer coligação nas legislativas de Fevereiro (para além da já habitual com “Os Verdes”), o secretário-geral comunista não coloca tal hipótese.

O Bloco de Esquerda, segundo Miguel Portas, encara a dissolução da Assembleia como “um acto necessário para devolver a palavra aos eleitores e que só peca por ser tardia”. Questionado sobre a hipótese de qualquer coligação à esquerda, o dirigente bloquista refuta tal hipótese, embora admita que, circunstancialmente, possa haver algumas “convergências”, que não alterarão as políticas do BE “a médio e longo prazo”.

Deste modo, até às eleições de 20 de Fevereiro próximo, os partidos terão de elaborar os programas de Governo, as estratégias eleitorais e redefinir esquemas de governação.

## Referendo europeu pode ser adiado

**O constitucionalista Vital Moreira considera que a “convocação do referendo fica sem efeito” devido à dissolução da Assembleia da República**

Rúben Figueira

Com o anúncio da dissolução do Parlamento pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, ficaram postas em causa muitas das medidas que vinham sendo levadas a cabo pelo XVI Governo Constitucional, assim como muitas das temáticas discutidas na Assembleia da República. Uma destas é a realização do referendo à Constituição Europeia. Este referendo questionaria os portugueses quanto à sua aprovação do chamado “Tratado que institui uma construção da Europa”.

A Assembleia da República já fez o que

lhe competia, analisando e aprovando a pergunta que deveria ser colocada ao povo português, e entregando-a ao Tribunal Constitucional onde está a ser apreciada. Após esta nova análise e aprovação da pergunta, o Presidente da República terá o dever de convocar o referendo e marcar a sua data. Contudo, segundo a Constituição da República Portuguesa, a convocação de um referendo não pode ser feita entre a data de convocação e a de realização de eleições gerais, levando a que o referendo europeu só possa ocorrer após realizadas as eleições legislativas antecipadas. Ainda assim, com a realização das eleições a 20 de Fevereiro de 2005, a consulta popular poderia manter-se na data inicialmente estipulada: Abril ou Maio do próximo ano.

No dia 1 de Dezembro de 2004, o jornal “Público”, dava como certa a realização do referendo à Constituição Europeia apesar da decisão de Jorge Sampaio de dissolução do Parlamento. Relativamente a esta temática, o

docente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra Vital Moreira considera que houve uma “má interpretação” por parte do jornal, visto que, “o referendo é um compromisso de auto-vinculação da assembleia que o convoca”. Face a isso, o docente acrescenta ainda que “não faz qualquer sentido manter um referendo que foi convocado por uma assembleia para vincular uma assembleia diferente daquela que o convocou”.

Para que a realização do referendo aconteça, o constitucionalista defende que será necessário que “a nova assembleia, a ser eleita em Fevereiro, repita a convocação”. Relativamente à decisão do Tribunal Constitucional, Vital Moreira defendeu no blog “Causa Nossa” ([www.causa-nossa.blogspot.com](http://www.causa-nossa.blogspot.com)) que “seria vantajoso que o Tribunal se pronunciasse antes, para sabermos com o que se pode contar na futura reedição da iniciativa do referendo”. Ou seja, caso o TC considere que a pergunta está conforme as regras cons-

titucionais, a próxima assembleia já sabe que a pergunta é válida, mas, caso contrário, terá de a reformular.

No que respeita à pergunta que vai constar no referendo e relativamente à qual a sociedade civil demonstrou uma certa relutância pelo seu tamanho e complexidade, Vital Moreira afirma “que essa crítica parece um bocado fácil”, acrescentando que a pergunta será alvo de “de uma campanha e de debates de esclarecimento”. O constitucionalista acredita que, dessa forma, a sua interpretação será mais fácil.

Em relação à participação dos eleitores na votação deste referendo, em comparação com iniciativas anteriores relacionadas com a União Europeia, o professor defende que “as pessoas não sentem que as questões europeias lhes dizem respeito, ao contrário das eleições gerais”. Em relação à Constituição Europeia em específico, o constitucionalista considera que “as pessoas não têm sido suficientemente sensibilizadas”.



# Via Latina

## Espaços Lusófonos

Com a colaboração de Maria Burstoff Silva  
Manuel Vieira, Pedro Portugal, Carlos Reis  
Joaquim Pires Valentim, Amadeu Carvalho Homem  
Fernando Ka, Vítor Ramalho, Francisco Ribeiro Teles  
Otilia Mendes, Isabel Ferin, Maria Teresa Carvalho



## INTERNACIONAL 11



Israel vive momentos políticos agitados, com o partido maioritário a ter que fazer novas alianças de forma a evitar eleições antecipadas

## Governo de Israel em crise

Votação do orçamento de estado leva a formação de nova coligação no Governo

**Voto negativo do partido Shinui ao orçamento levou à sua saída da coligação, colocando a hipótese de eleições antecipadas**

Cláudia Gameiro

O Governo de coligação de Israel, encabeçado por Ariel Sharon, enfrentou recentemente uma nova crise com a queda da coligação governamental, fruto da saída do partido Shinui do Executivo. Uma nova aliança entre o partido maioritário, o Likud, e outros partidos tornou-se necessária. Se tal não acontecesse, seria inevitável a convocação de eleições antecipadas.

Tudo se iniciou com a votação do orçamento de Estado de Israel para 2005, que acabou chumbado, já que o Shinui e vários partidos da oposição votaram contra, e apenas o Likud e os ortodoxos do Judaísmo Unido da Torá (JUT) lhe concederam o seu voto favorável. O chumbo do orçamento para 2005 deveu-se, em grande parte, às medidas que Sharon teria usado de

forma a garantir que este fosse aprovado pelo parlamento israelita (Knesset).

Segundo os partidários do Shinui, Sharon terá prometido uma soma de 290 milhões de shekels, cerca de 50 milhões de euros, ao partido religioso JUT, caso o seu voto viesse a ser positivo. Esta atitude causou indignação entre os membros do Shinui, pois o Governo de Sharon seria, pretensamente, laico e estava, deste modo, a ceder às forças de cariz religioso. Assim, Tommy Lapid, presidente do Shinui, reagiu fortemente, acusando o Governo por não haver dinheiro "para a polícia ou para os investigadores", mas haver "420 milhões de shekels para os knaidelach (bolas de pão tradicionais) dos rabis". Quanto aos restantes partidos opositores, a rejeição do orçamento de estado deveu-se ao facto de considerarem as propostas "antisociais" uma vez que este defende um corte substancial nos subsídios públicos.

Apesar disso, Ariel Sharon estaria ainda disposto a procurar o auxílio e voto favorável do Partido Nacional Religioso, mostrando-se disposto a pagar por este cerca de 130 milhões de shekels, cerca de 22 milhões de euros.

Contudo, esta tentativa de aliança em nada ajudou o primeiro-ministro, levando a que a votação do orçamento se saldasse em 69 votos contra e apenas 43 a favor. Perante o voto negativo do Shinui, Sharon não vacilou e demitiu os cinco ministros deste partido que compunham o seu Executivo. Com esta medida, o Governo, já em posição minoritária no Knesset, com 40 deputados do Likud e 15 do Shinui, num total de 120 assentos parlamentares, ficou numa posição ainda mais periclitante, surgindo como opções para a resolução deste imbróglio a realização de eleições antecipadas ou formação de uma nova coligação.

Sharon optou pela segunda hipótese, levando a votação no Comité Central do Likud, na passada quinta-feira, a hipótese de convidar o Partido Trabalhista (Labour) a juntar-se ao Governo. Com a vitória dessa proposta por uma larga diferença de 62% para 38%, Sharon convidou formalmente Shimon Peres, líder do Partido Trabalhista, a formar um Governo de coligação. Caso se concretize, a nova coligação dar-lhe-á então uma confortável posição de 68 deputados no parlamento, já que aos 40 do Likud, juntar-se-ão 23 do

Partido Trabalhista e cinco do partido ortodoxo JUT, com quem já possui um acordo. Relativamente a esta questão, Maria do Rosário Vaz, do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra julga que as conversações entre Likud e Partido Trabalhista terão um resultado positivo, já que "há um desejo" deste em fazer parte do Executivo por estar "muito empenhado na retirada de Gaza".

O projecto de Sharon para a retirada israelita gradual dos 21 colonatos na faixa de Gaza e quatro na Cisjordânia é outra das polémicas que ensombra a sua governação, já que diversas forças parlamentares são contra esta medida, e só a manutenção duma coligação governamental estável permitirá a manutenção e continuação do projecto que Sharon pretende, a todo o custo, levar por diante.

Assim, segundo Maria do Rosário Vaz, o fantasma das eleições antecipadas estará "sempre presente num Governo como é o dirigido pelo primeiro-ministro Sharon" visto que as constantes alterações na coligação do Governo levam a que a sua fragilidade seja "enorme".

D.R.

## Ruanda ataca rebeldes no Congo

Filipa Oliveira

Nas últimas semanas, a Organização das Nações Unidas (ONU) detectou sinais evidentes da presença de rebeldes ruandeses a instalarem-se na zona oriental da República Democrática do Congo (RDC, ex-Zaire), em busca de rebeldes hutus ou de coltan, material muito procurado nos mercados internacionais.

Uma patrulha das Nações Unidas fotografou acampamentos e tropas bem equipadas em território congolês e, ao que tudo indica, o local foi ocupado "muito recentemente".

Contudo, o presidente ruandês, Paul Kagame, afirmou publicamente que "o exército ruandês localizou as bases das Forças Democráticas para a Libertação do Ruanda (FDLR) e vai ocupá-las no momento oportuno". E, logo após ter sido divulgada a presença de rebeldes hutus, o conselheiro do presidente ruandês declarou que "todas as informações de que teriam sido avistadas tropas ruandesas na RDC são falsas". Relativamente à actual campanha da ONU no antigo Zaire para desarmar os rebeldes ruandeses, classifica-a de "fracasso". Deste modo, Paul Kagame já anunciou a sua intenção de intervir militarmente na RDC para perseguir os militares hutus da FDLR, refugiados em território congolês, que foram responsáveis pelo genocídio de 1994, reforçando: "Agimos e continuaremos a agir sempre que considerarmos necessário".

Em resposta a esta operação, a RDC já demonstrou a sua intenção de enviar, este mês, um reforço de dez mil soldados para a zona fronteiriça do Ruanda, após a notícia da entrada de militares do país vizinho.

No entanto, alguns analistas consideram que as autoridades ruandesas estão interessadas nos recursos naturais do país. A suspeita surge após a entrada de milhares de soldados do Ruanda nas zonas montanhosas do Leste congolês, zona rica em coltan. Este material é semelhante a lama negra, mais leve que o ouro, três vezes mais pesado do que o ferro e que é habitualmente utilizado na criação de instrumentos de alta tecnologia. Os Estados Unidos da América e a China são os maiores compradores desta matéria-prima, pelo que o Ruanda faria um excelente negócio se o conseguisse extrair, sob o pretexto da tentativa de retirada dos soldados hutus do território congolês.

No país, a ONU conta com a presença de 11.000 "capacetes azuis", de forma a tentar alcançar a paz e a estabilidade necessária para a realização de eleições gerais.

Se vier a ser confirmada a presença de tropas ruandesas, existe a possibilidade de que recomece o conflito militar de 1998 e 2002 que devastou a RDC, e no qual estiveram envolvidos cinco países e que teve como resultado a morte de 3,5 milhões de pessoas, na sua maioria civis.



# Futura liderança da Académica decide-se esta semana

Com as eleições para o Organismo Autónomo de Futebol da Associação Académica de Coimbra à porta, as campanhas das duas listas candidatas entram em recta final. Os projectos que avançaram para tomar conta do clube dos estudantes apresentam como objectivos principais assegurar a manutenção da equipa na Superliga, incentivar a formação de jovens jogadores e transpor para o presente o legado histórico da Académica. De um lado, o actual presidente interino, José Eduardo Simões, pretende dar continuidade ao trabalho dos últimos dois anos. Do outro, Maló de Abreu critica a direcção pela situação difícil que o clube

**atravessa** Por: Patrícia Costa, Tiago Pimentel, Catarina Rodrigues, Marta Santos e Rui Simões

BRUNO GONÇALVES



As duas candidaturas assumem a manutenção na Superliga como objectivo desportivo para a época em curso

Realizam-se na próxima sexta-feira as eleições para a presidência do Organismo Autónomo de Futebol da Associação Académica de Coimbra (AAC/OAF), havendo duas listas candidatas. A lista A é encabeçada por José Eduardo Simões (a ocupar, actualmente, a presidência interina do AAC/OAF devido à doença e posterior falecimento de João Moreno) e concorre com o slogan “Por Ti, Académica”. A lista B, liderada por António Maló de Abreu, tem como palavras de ordem “Sempre Briosas”.

A candidatura de José Eduardo Simões tem como ponto de partida o trabalho iniciado há dois anos, com a direcção presidida por João Moreno. Um dos objectivos principais para a lista A, explica o candidato, passa pela conclusão das obras da Academia Briosas XXI, de modo a que este espaço esteja apto para a utilização na época 2005/2006. A estrutura, diz José Eduardo Simões, “assumirá especial relevância no futuro da Académica”, na medida em que se pretende torná-la como que um “centro de formação” para treinadores ou gestores, no âmbito da interacção com clubes e associações

de toda a região centro. O “Museu do Desporto da Académica” é outra das apostas fortes avançadas pela lista A. Para o candidato, o museu surgiria numa parceria com a Associação Académica de Coimbra e a câmara municipal, contribuindo para a “aproximação entre as instituições e a união de toda a região de Coimbra em torno da Briosas”.

O líder da lista A assume a importância da história e da memória da Académica, afirmando que “lembrar o passado para fazer o futuro é possível”. José Eduardo Simões recorda as equipas da década de 60, fruto da congregação de “um leque de jogadores capazes de fazer quatro ou cinco anos memoráveis”, que levaram a Briosas a duas finais da Taça de Portugal, a um segundo lugar no Campeonato e à participação nas competições europeias. Para Simões, os atletas que constituíam essas equipas “eram de um nível cultural elevado”, resultante de uma envolvimento muito forte com a universidade. Porém, no entender do candidato, a situação é “irrepetível”, assim como as condições e as cargas de treino da época. O caminho passa por “adaptar a memória aos tempos presentes para dar qualidade de

futebol ao espectador”. Assim, José Eduardo Simões defende o debate sobre a condição do atleta-estudante, no intuito de “tentar fazer uma simbiose, uma equipa com jogadores de qualidade e um nível cultural elevado”. A rentabilização da imagem da Briosas é um projecto da lista encabeçada por José Eduardo Simões, que aponta também como

objectivo a criação de casas ou núcleos da Académica um pouco por todo o país.

## “Ocorreram as coisas mais fantásticas”

Instado a fazer um balanço dos últimos dois anos à frente dos destinos do AAC/OAF, José Eduardo Simões considera que “ocorreram as coisas

mais fantásticas, mas também as mais difíceis que podem ocorrer”. O líder da lista A destaca a situação de falência em que encontrou a instituição, com meses de ordenados em atraso, e as deficientes condições de treino. O dirigente salienta ainda o “esforço e dedicação” empregues na manutenção da Académica na Superliga nos últimos três anos, e a

## Direcção-geral receptiva ao diálogo

Envolvida em polémica com o Organismo Autónomo de Futebol nos últimos anos, fundamentalmente por causa da utilização para fins comerciais do símbolo da Associação Académica de Coimbra (AAC), a Direcção-Geral da AAC (DG/AAC) aguarda os resultados do escrutínio da próxima sexta-feira. Assim, tanto Miguel Duarte, o ainda presidente da DG/AAC, como Fernando Gonçalves, já eleito seu sucessor, vêem estas eleições como um impulso para a continuação da aparente reaproximação entre DG/AAC e AAC/OAF.

Miguel Duarte frisa que se está a “caminhar no sentido de resolver” as questões pendentes, até porque espera “resolver este assunto” ainda no seu mandato, visto que julga que “talvez nunca tenha havido uma altura tão certa como esta” para o fazer.

Também Fernando Gonçalves diz poder lidar com esta situação, admitindo já ter sido contactado por pessoas próximas das listas candidatas ao organismo autónomo, no sentido de tentar uma reaproximação entre

a “casa-mãe” e o AAC/OAF. O recém-eleito presidente da direcção-geral, espera, assim, que se possibilite a necessária “convergência” entre os dois organismos, de forma a recuperar a imagem da “Briosas como equipa dos estudantes”. Fernando Gonçalves ressalva, todavia, que “há protocolos que devem ser cumpridos”.

Relativamente à possibilidade de algum dos candidatos se poder revelar um melhor interlocutor para o diálogo com a DG/AAC, nem Miguel Duarte nem Fernando Gonçalves afirmam ter qualquer preferência. O ainda presidente da DG/AAC afirma esperar que “quer um quer outro sejam capazes de perceber a importância deste assunto”, relembrando que “houve algum descuido por parte dos dirigentes do AAC/OAF nos últimos anos”. Por seu lado, Fernando Gonçalves também diz ser-lhe “completamente indiferente qualquer que seja a candidatura vencedora” e estar disponível para tentar “perceber qual a sensibilidade de ambas as candidaturas”.



aquisição de um autocarro, resultante das contribuições dos sócios.

As relações com a Direcção-Geral da AAC são encaradas com optimismo, fruto de um trabalho discreto que tem vindo a ser desenvolvido para “perceber o que nos aproximava e afastava e tentar perceber as razões de ambas as partes”. A assinatura de um novo protocolo, segundo José Eduardo Simões, está para breve, o que permitirá satisfazer as pretensões tanto do organismo autónomo como das secções desportivas da AAC.

No que respeita aos objectivos desportivos para a época em curso, o líder da lista A aponta “sem dúvida” para a manutenção. Para as temporadas seguintes, Simões afirma que pretende uma equipa com ambição, almejando a conquista de uma posição classificativa que permita o acesso a uma competição europeia.

A respeito da formação, José Eduardo Simões aponta para a meta dos 500 praticantes nos escalões de formação. O seu projecto passa pelo investimento na formação, aliado à conclusão da Academia Briosa XXI, fulcral para a efectivação desta aposta. Uma outra vertente reside no trabalho de prospecção, que se pretende incisivo na região de implantação da Académica. Assim, é intenção da lista A não deixar “fugir” os talentos jovens da região para os grandes clubes numa fase demasiado prematura. José Eduardo Simões sintetiza, afirmando que pretende “fazer da Académica a bandeira de Coimbra”, para “torná-la um grande clube nacional”. Para tal, é indispensável o “traço de marca de estudantes universitários”. O candidato dá como exemplos Nuno Piloto, jovem atleta já formado em Bioquímica, ou José Castro, a frequentar o curso de Jornalismo.

O futsal, modalidade em grande expansão em Portugal, não é esquecido pela lista A, com “um plano estratégico visando, a curto prazo, a subida de divisão”. José Eduardo Simões pretende conferir “sustentabilidade financeira” ao futsal, salientando o dinamismo dos seccionistas. O candidato afirma que há apoios à modalidade, o que possibilitará um confortável posicionamento face aos fortes conjuntos que disputam a divisão principal.

O facto do presidente da claqué Mancha Negra, João Paulo Fernandes, integrar a lista A não coloca em causa, no entender de José Eduardo Simões, as boas relações entre a direcção do clube e a claqué. Simões considera Fernandes “um profissional ligado à Académica, às claques, ao espectáculo dentro do estádio”. Porque “o futebol é um espectáculo que importa estender às bancadas”.

## Fazer a Académica “chegar a toda a cidade”

Maló de Abreu apresenta um programa baseado em cinco pontos: a memória, os princípios e valores, a ambição, a esperança, e a Briosa. E, seguindo essa filosofia, aponta como razões para a sua candidatura a vontade de fazer a Académica voltar a respeitar “as suas tradições, histó-

ria e raízes” mas sem descurar a adaptação “aos tempos modernos”. O desejo desta candidatura passa por um clube que “ganhe jogos” e assim consiga “chegar a toda a cidade”, transformando o futebol “numa festa onde toda a gente possa participar”. Perseguindo o objectivo de “ter bons campos, bons treinadores, boa gerência, com a Académica a continuar a ser Académica”, o ex-membro da Assembleia Municipal de Coimbra fala da Briosa como um clube “diferente”, cuja diferença é preciso “valorizar”.

Relativamente ao desempenho da direcção anterior, Maló de Abreu divide-o em dois períodos distintos, considerando que João Moreno fez um bom trabalho, mas, com a sua doença e falecimento, e consequente gestão de José Eduardo Simões, a Académica ficou transformada naquilo que diz ser “uma espécie de tesouraria”. O candidato da lista B afirma ainda que esta é uma direcção que “não conversa com ninguém, rasga contratos e perde processos em tribunal”, criando uma Académica “afastada dos estudantes”.

Maló de Abreu considera que a aproximação entre organismo autónomo e “casa-mãe”, “onde estão as raízes do futebol”, é um processo “fundamental, pois não faz sentido que estejam divorciados, sendo apenas necessário conversar”. O cabeça de lista realça ainda o projecto de criação dum “museu vivo” que reúna, num só espaço, a história e os troféus do AAC/OAF e da Secção de Futebol da AAC.

## “A Mancha é importantíssima”

A formação de novos valores é, para Maló de Abreu, um factor primordial para a viabilidade da Aca-

## Mancha Negra nega divisão interna

O processo eleitoral por que o Académica vai passar não está a dividir a claqué Mancha Negra. Segundo o presidente João Paulo Fernandes, que integra a lista A, “a claqué existe apenas para apoiar a Académica e não uma qualquer lista concorrente à presidência do clube”. Os elementos da Mancha Negra que integram as listas concorrentes fazem-no “a título meramente pessoal”. João Paulo Fernandes confessa não estar à espera de qualquer tipo de apoio suplementar à Mancha Negra resultante das eleições para o organismo autónomo. O presidente da claqué sublinha que caso a lista de que faz parte saia vencedora do processo eleitoral, renunciará de imediato ao cargo de presidente da Mancha Negra.

démica e, assim, este antigo presidente da direcção-geral apresenta como medidas concretas “a concentração de todas as camadas jovens na Academia Briosa XXI”, de modo a que os jovens possam treinar junto com os seus ídolos, e a criação duma escola profissional de futebol para “compatibilizar os horários dos treinos com os escolares” e facilitar o acompanhamento das jovens promessas.

Já no que concerne ao futsal, a



BRUNO GONÇALVES

modalidade ao encargo do AAC/OAF, Maló de Abreu afirma como objectivo a curto/médio prazo a subida à primeira divisão. O líder da lista B afirma, ainda, pretender uma equipa ao “nível das grandes”, realçando que não é necessário “um investimento muito grande”, e adiantando que já tem um acordo com um patrocinador para a modalidade.

A presença de membros da Mancha Negra em ambas as listas (em particular a do presidente da claqué, João Paulo Fernandes, na lista A) não é vista por Maló de Abreu como um problema, dizendo que “as pessoas de

outra lista, depois das eleições, são académicos como os outros”, e reforçando que “a Mancha é importantíssima” e que não terá problemas “em convidar o líder da Mancha” para iniciativas que venha a promover.

Quanto a objectivos desportivos, Maló de Abreu mostra-se comedido a curto prazo, afirmando como objectivo imediato “salvar a Académica da descida”, ao mesmo tempo que culpabiliza a actual direcção pelo fraco desempenho desportivo da

equipa acadêmica, evidenciando que “a Académica tem neste momento o quarto maior orçamento da Superliga e está em penúltimo lugar”.

O candidato da lista “Sempre Briosa”, que vai contar com a colaboração do treinador Vítor Manuel como director técnico, diz já ter reunido com este e ter falado com o treinador da equipa, João Carlos Pereira, para saber das lacunas do plantel. Assim, afirma que a “Académica precisa de reforçar três ou quatro aspectos fundamentais”, e diz ter “essas armas”, sendo que pretende “apresentá-las em breve”.

Relativamente à hipótese de João Carlos Pereira não continuar como treinador dos “estudantes”, Maló de Abreu não coloca tal possibilidade e diz ter “boas indicações”, acrescentando que não gosta de “rasgar contratos”. Assim, o candidato promete dar a João Carlos Pereira “condições para construir uma equipa como deve ser”.

Reforçando o desejo de “transportar a Académica do passado projectando-a no futuro”, Maló de Abreu afirma ainda como projectos a criação de casas da Académica em cada distrito, a recuperação da sede do AAC/OAF que está abandonada junto aos Arcos do Jardim, e atingir a meta dos 20 mil sócios pagantes, para, assim, “construir uma Académica com futuro”.

## Eleições não afectam plantel

Segundo o treinador da Académica, João Carlos Pereira, as eleições não estão de qualquer modo a afectar a equipa. Na opinião do técnico, os jogadores devem apenas concentrar-se nas suas funções, enquanto profissionais que são, e por isso não têm de sobrevalorizar as eleições.

João Carlos Pereira considera ainda que o lugar dele, enquanto treinador, está sempre em risco, independentemente de haver ou não eleições. “Há que encarar as tarefas com objectividade, empenho e confiança: há que ser profissional”. O treinador afirma não estar preocupado com a hipótese dos candidatos à presidência

da Académica contarem com outro treinador para a Briosa.

O técnico da Académica reitera que o hipotético reforço da equipa em caso de vitória de uma ou outra lista se trata de “uma questão de foro interno do clube”, acerca da qual é cedo para se pronunciar. No que diz respeito ao número de jogadores brasileiros que alinham pela Académica, João Carlos Pereira afirma que “apesar de não serem tantos quanto parecem, há que encarar o problema de forma profissional”. Segundo o treinador, “os contratos são para cumprir e a qualidade dos jogadores é uma característica a ter em conta”.

## Qual das listas é melhor para liderar a Académica?

### António Fonseca

“Acho que o presidente da lista A é íntegro e não há razão para não ser ele a ganhar”.

**50 anos, padeiro**

### Rui Jorge Carrito

“Estou dividido. Ainda não sei. A equipa não está num bom momento, algo está mal. Concordo com a proposta de Maló, em apostar forte na formação, mas também não sei até que ponto ele terá capacidades e se será possível conseguir cumprir com tudo o que prometeu”.

**18 anos, estudante**

### João Brandão

Ainda não sei, relativamente à lista A há pontos com os quais não concordo. Por exemplo, a criação do Blackshot faz com que os estudantes sócios da AAC/OAF deixem de ter vantagens em ser sócios. Em relação ao actual momento da equipa, se sempre tem o quarto maior orçamento da Superliga e os resultados são mais que péssimos, há algo a mudar. Quanto à lista B, também não estou totalmente convencido. Estou indeciso mas talvez vote em branco”.

**25 anos, estudante**

### André Santa

“Estou mais inclinado para a lista A, pela transparência e responsabilidade acima de tudo. Acho que as cotas dos sócios deviam ser revistas e, quem sabe, diminuídas, pois estamos a pagar muito actualmente”.

**26 anos, engenheiro civil**



## 14 CIÊNCIA

# Universidade investiga técnicas para compreensão da diabetes

Estudiosos acreditam que a doença poderá vir a ocupar investigadores durante várias décadas

**A diabetes afecta um número cada vez maior de indivíduos.**

**Investigadores da faculdade de Ciências e Tecnologia têm vindo a desenvolver estudos inovadores sobre os fenómenos celulares que estão na origem da patologia**

Ana Maria Oliveira  
Inês Subtil

A Universidade de Coimbra acolhe uma investigação que tem vindo a desenvolver técnicas pioneiras para a compreensão e tratamento da diabetes. O projecto pretende lançar algumas pistas sobre uma doença cada vez mais comum nos países ocidentais e cuja complexidade tem dado origem a numerosos estudos.

A diabetes é caracterizada pela ausência total ou parcial de células que segregam uma hormona, a insulina. Através de uma reacção do sistema imunitário, essas células desaparecem por processos que ainda não estão compreendidos. A insulina é responsável pela regulação dos níveis de açúcar no sangue. No caso dos diabéticos, o nível de glicose (açúcar) é muito elevado, uma vez que a deficiência na produção de insulina faz com que o organismo não o consiga absorver.

Existem dois tipos de diabetes: tipo 1, ou insulino-dependente, e o tipo 2, ou não insulino-dependente. Esta investigação incide no tipo 2, pois são estudadas as células beta-pancreáticas, especializadas na produção e secreção da insulina e apenas existentes neste caso da doença. Sabendo como é que as células beta-pancreáticas funcionam em condições normais, é possível compreender melhor o que as faz funcionar mal em caso de diabetes.

De acordo com os responsáveis pela investigação, Martinho do Rosário e Rosa Santos, a pesquisa sobre a diabetes levada a cabo tem sido pioneira no desenvolvimento



*O controlo diário dos níveis de glicose é uma preocupação de quem tem diabetes, uma doença cuja complexidade deverá dar trabalho aos investigadores por muitos anos*

de técnicas para a medição dos fenómenos oscilatórios na secreção de insulina. Estas técnicas medem a actividade eléctrica das células e as concentrações de cálcio intracelular que condicionam a secreção desta hormona. Um exemplo são as técnicas electrofisiológicas, que dizem respeito ao registo intracelular de potenciais eléctricos, que “muito pouca gente no mundo utiliza e pelas quais a investigação se tornou conhecida”, refere Martinho do Rosário.

No que diz respeito à parte clínica, uma das possibilidades de tratamento da diabetes é o transplante de células beta-pancreáticas viáveis (células que possam ser transplantadas com sucesso) em pacientes com a doença. Este projecto, explicam os investigadores, possibilita a colaboração entre o sector médico, hospitalar e a ciência básica, porque, para um programa de transplante com sucesso, é necessário que as estruturas que contêm estas células sejam isoladas em muito boas condições: “É preciso que tenhamos estruturas

funcionais a partir de dadores cadavéricos”, diz Martinho do Rosário.

Até ao momento, para transplantar um doente eram necessários quatro dadores compatíveis, mas a investigação pretende que no futuro não seja necessário um número tão elevado, factor que pode ser determinante na vida das pessoas que dependem diariamente de insulina. Contudo, o especialista sublinha que a investigação sobre a diabetes é uma área capaz de “entreter os cientistas durante décadas”.

### Uma doença em expansão

A diabetes é uma doença complexa, “que tem, cada vez mais, uma incidência elevadíssima”, sublinha Martinho do Rosário. Para além disso, refere, a diabetes está associado o desenvolvimento de um grande conjunto de outras doenças, nomeadamente, a cegueira e problemas circulatorios, podendo mesmo conduzir a processos fatais como o aumento da frequência de acidentes vasculares

cerebrais.

É nos países desenvolvidos que esta incidência é maior, chegando a atingir 15 por cento da população no caso dos países nórdicos. Este facto prende-se, entre outros factores, com o aumento da obesidade, com as deficiências na alimentação e com os padrões de sedentarismo. Assim, explica o investigador, também se compreende que a diabetes do tipo 2, que costumava aparecer numa fase tardia da vida, por volta dos ses-

seta anos, comece a aparecer numa faixa etária mais jovem. Apesar de poder haver uma predisposição genética para o aparecimento da diabetes, existem factores externos que podem contribuir para o desenvolvimento da doença. Parâmetros saudáveis de peso, actividade física, e uma alimentação correcta poderão fazer com que seja reduzida a probabilidade de vir a desenvolver a diabetes, mesmo que haja uma predisposição genética.

### Investigação é feita com parceiros internacionais

O projecto é levado a cabo nas instalações da faculdade de Medicina, mas a investigação está inserida no programa de estágios da licenciatura em Bioquímica da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra (FCTUC) tendo, por isso, como principais colaboradores estudantes em estágio, em mestrado e da licenciatura em Bioquímica. Além destes, existem também colaborações internacionais com grupos que trabalham em problemas relacionados com secreção de insulina, células beta-pancreáticas e diabetes. Apoiados pela FCTUC, enquanto trabalho desenvolvido por docentes da faculdade, os fundos utilizados neste projecto provêm essencialmente da Fundação para a Ciência e Tecnologia, que é o organismo nacional de financiamento de investigação, e também de fundos internacionais.

PUBLICIDADE

## Santos da Casa

VOTA NOS MELHORES DE 2004  
E GANHA CDS!

Até 6 de Janeiro, manda um máximo de 5 nomes por categoria para [sandosdacasa@ruc.pt](mailto:sandosdacasa@ruc.pt), e escolhe o melhor: 1) DISCO 2) SINGLE/EP 3) TEMA 4) MAQUETA

Todos os dias às 19h, uma hora com o melhor da música portuguesa, na antena da Rádio Universidade de Coimbra em 107.9FM e em <http://sandosdacasa.blogspot.com>.



## DESPORTO 15

# Académica vence Sangalhos

Basquetebol da Briosia acabou, em Sangalhos, com a crise de resultados

**Os “estudantes” deslocaram-se à casa do segundo classificado da Proliga onde, num jogo equilibrado, venceram por 83-85**

Bruno Vicente

Em jogo a contar para a 12ª jornada do campeonato da Proliga, coube à Associação Académica de Coimbra (AAC) deslocar-se ao terreno do rival Sangalhos, segundo classificado da Proliga e que ainda não tinha sofrido qualquer derrota no seu reduto. Por outro lado, os “estudantes” enfrentavam uma crise de resultados, com cinco derrotas nas últimas cinco jornadas.

No entanto, apesar do favoritismo da equipa da casa e das limitações do plantel academista, a equipa de Coimbra obteve a quarta vitória desta época, após um desafio emocionante, já a lembrar a fase dos playoff.

A Académica entrou em campo com Hugo Loureiro, Zane Gilliard, Miguel Gaspar, Fernando Sousa e Eduardo Santos, mas foi a equipa da casa que começou melhor. Aproveitando a estatura dos seus atletas, com uma altura média superior à dos “estudantes”, o Sangalhos dominou no primeiro período, atingindo vantagens significativas no marcador: 11-4 e 19-10. Mas a reacção academista não tardou e, através de uma defesa agressiva, que viria a ser uma constante ao longo do jogo, os “estudantes” aproximaram-se do adversário, terminando o primeiro período a quatro pontos do Sangalhos (25-21).

No arranque do segundo período a Académica continuou com o as-

cendente que já vinha demonstrando no final do período anterior e, com o a partida a disputar-se com fluidez e a ser jogada a um ritmo elevado, a Briosia chegou ao intervalo a vencer por 40-45. Ao longo de toda a partida, mas principalmente no segundo período, ficou patente a dependência do Sangalhos em relação aos seus dois americanos, Terry Flanagan e Jason Robinson que, ao intervalo, somavam 28 dos 40 pontos conquistados pela equipa da casa.

Após um primeiro período favorável ao Sangalhos e um segundo favorável aos “estudantes” o jogo encontrou o equilíbrio no terceiro e quarto período. Agora, com o marcador a avançar “taco a taco”, as equipas redobram os seus cuidados tácticos. Apesar do equilíbrio, os “estudantes” lideraram quase sempre o marcador, embora com vantagens reduzidas, como provam os parciais: 52-53, 66-68 e 75-77, por exemplo.

Os fãs academistas tiveram um grande susto quando, com seis minutos para o termo do jogo, viram Eduardo Santos e Fernando Sousa atingirem as cinco faltas permitidas e, na sequência, a expulsão. Se a diferença na estatura física dos atletas já era visível anteriormente, com a expulsão dos dois jogadores com mais altura da Académica a diferença era ainda mais notória.

Valeu aos “estudantes” a boa troca de bola e a coesão de grupo. Por outro lado, as fragilidades defensivas do Sangalhos, o grande “calcanhar de Aquiles” da equipa da casa, foram favoráveis à Briosia que, pelo contrário, e apesar das limitações, defendeu com perspicácia. Só assim a vitória sorriu aos “estudantes” que, num jogo digno de playoff, derrotaram o Sangalhos por 83-85.

Na equipa academista destaque para Fernando Sousa, com 21 pontos e Eduardo Santos e Hugo Lou-



A Académica revelou grande coesão na vitória contra o Sangalhos

reiro, ambos com 20 pontos.

## Procurar os lugares de acesso ao playoff

O treinador academista, João Jaime Moutinho, questionado sobre o encontro, salientou que “só com uma grande atitude competitiva, uma grande coesão de grupo e um esforço suplementar tivemos a felicidade, desta vez, de levar de

vencida esta equipa”.

Por sua vez, o base Hugo Loureiro referiu que esta vitória “dá motivação para continuar” e destacou “o contributo muito grande que o Martinho Henriques deu à equipa, na parte final do jogo”.

Com este resultado a Académica ascende ao décimo segundo lugar, estando ainda longe dos oito lugares que dão acesso ao playoff.

## Orabolos!

António Gil Leitão

Opinião

## Apito Arcaico

**“O futebol tem muito a aprender com o rugby, no que à arbitragem diz respeito”**

É cedo, ainda, para se falar de alguma mudança no futebol português, por influência da investigação criminal em torno da arbitragem no futebol nacional.

Mas há algo que parece ser seguro: há indícios fortes que o sistema existe mesmo. O que é, como actua, se é, ou não, bicéfalo, isso fica ainda por descobrir – ou revelar.

Os contornos deste caso não são novidade (lembra-se da “Paula”?) e a realidade é que, enquanto se pôde, fingiu-se nada existir: é só suspeitas por concretizar (“você sabem do que eu estou a falar”), “suspeição generalizada que nada beneficia o futebol português”, enfim, dizia-se, numa expressão que fez história em Portugal, “é só fumaça”... Mas não há fumo sem fogo, pelo menos é o que se diz, e é isso que iremos descobrir.

Por agora, discutem-se os pormenores e espera-se, pacientemente, pelo resultado da operação judicial, na mórbida curiosidade de saber qual será o próximo a ser ouvido, detido e acusado.

Já defendi que o futebol tem muito a aprender com o rugby, no que à arbitragem diz respeito, e estes acontecimentos não têm senão reforçado a minha convicção.

Porque este fenómeno é geral e não apenas nacional. O futebol, ou adopta rapidamente os meios audiovisuais nas competições profissionais, ou pode sofrer danos que poderão ser mortais.

Mas, quando no futebol nacional, nem a alteração do chamado “quadro competitivo” se consegue implementar, outras medidas serão bem mais complicadas de introduzir, até por não dependerem das autoridades nacionais.

Mas sacudir a água do capote, isso não podem, nem devem fazer.

Para além da arbitragem, outros exemplos podem ser recolhidos no rugby. Veja-se o sistema de pontuação adoptado nas grandes competições: quatro pontos por vitória, dois pontos por empate, zero por derrota, podendo sempre somar um ponto de bónus quando a equipa conseguir quatro ensaios ou mais ou, em caso de derrota, perder por sete pontos (valor de um ensaio transformado) ou menos. O resultado foi o esperado: jogos mais competitivos, mais espectaculares, campeonatos mais interessantes e disputados até ao fim.

No futebol é que não se sai da cepa torta: discute-se durante toda a semana os erros da arbitragem – erros que na grande maioria das vezes seriam evitáveis, se se introduzissem os métodos audiovisuais.

# Hóquei derrota Caldas e lidera

**Em mais uma jornada do Campeonato Nacional de Hóquei da 3ª divisão, a Briosia foi vencer ao reduto do HC Caldas por 2-9**

Jens Meisel

A Académica entrava na condição de líder para esta jornada, e uma vitória perante um Caldas com necessidade de pontuar, permitia manter a equipa do Turquel, segunda classificada da tabela e com menos uma partida, à distân-

cia segura de dois pontos.

Em cinco minutos iniciais de grande equilíbrio, viria a ser uma jogada de entendimento que permitiu à Briosia inaugurar o marcador e a cessar um período no qual as equipas ainda se estudavam mutuamente. Levados pela necessidade de empatar, os caldenses apostaram tudo no ataque e acabaram por ser surpreendidos por mais duas vezes, uma num magnífico remate cruzado do academista João Venda, e outra num contra ataque depois de uma grande penalidade falhada, estava feito o 0-3.

Logo de seguida, num contra-ataque eficaz, Venda dribla dois defesas, numa magnífica jogada

individual e marca o 0-4 aos dez minutos de jogo. A partir desta altura os “estudantes” souberam gerir o resultado, e apesar de um erro defensivo resultar no golo do Caldas, o stick de Pedro Ferreira garantiu o tranquilizar da Académica num 1-5 em cima do intervalo.

A segunda parte abriu com o 1-6 da Briosia e, quando se esperava o gerir do jogo, a descontração enganadora do resultado levou os “estudantes” a consentir mais um golo. Aproximava-se o final do jogo e a pressão dos caldenses aumentava, mas nisto três golos em cerca de cinco minutos resolveram definitivamente a partida. Fixou-se em 2-9 o resultado final.

No final do jogo, Vítor Silva,

treinador do Hóquei Clube das Caldas, mostrou-se resignado perante a superioridade dos jogadores da Académica e perspectivou uma época com o objectivo de “manter a equipa no escalão sénior”. Questionado sobre o excelente momento que a equipa atravessa, Francisco Vilhena, técnico da Académica, defende como objectivo para esta época a subida de divisão, mas acima de tudo “a criação de uma equipa jovem mas experiente e regular”. Já Paulo Henriques, capitão e guarda-redes dos “estudantes” confessa que “o acomodamento da equipa numa fase inicial a um resultado positivo resultou nalgum desleixo, mas a equipa soube segurar a vitória”.



# Futsal consegue vitória difícil

**Em jogo a contar para a 11ª jornada da série A do Campeonato Nacional da 2ª divisão, a Briosa derrotou o Coimbrões por 6-3**

**João Campos**

Com várias baixas na equipa, o técnico Francisco Batista optou por um cinco inicial composto por Gouveia, Batalha, Pichel, Luisinho e Tiago Teixeira. A equipa gaiense, uma das primeiras classificadas do campeonato, entrou pressionante, não deixando a Académica progredir no campo. As primeiras oportunidades pertenceram ao Coimbrões, mas Oliveira e Bruno Amaro não conseguiram transformar as chances em golo.

Aos três minutos, e contra a corrente do jogo, a Briosa inaugura o marcador. Luisinho ganha uma bola a meio campo e, num remate cruzado, bate o guarda-redes gaiense. O Coimbrões reagiu, e logo a seguir Bruno Amaro remata ao poste da baliza de Gouveia.

A formação forasteira continuava a pressionar, e a Académica só conseguia criar oportunidades através de iniciativas individuais de Luisinho, "endiabrado" nesta fase do jogo. O maior ascendente do Coimbrões acabou por resultar aos nove minutos, com o golo do empate apontado por Fabigol.

O tento consentido acabou por motivar a Briosa, que foi para a frente e conseguiu equilibrar o jogo, especialmente através de duas jogadas de Tiago Teixeira e Bruno Benedito. Aos 18 minutos, após um livre directo que provocou muitos



*Académica recupera na segunda parte e sai vitoriosa contra o Coimbrões*

protestos nas bancadas, Cleminson colocou o Coimbrões em vantagem. Na jogada seguinte, Fabigol volta a marcar. Ao intervalo, o resultado de 1-3 premiava a maior objectividade da equipa nortenha.

Na segunda parte, o panorama do jogo alterou-se por completo, com os "estudantes" mais pressionantes. Batalha e Luisinho, logo ao início, obrigaram o guarda-redes Hugo Figueiredo a mostrar qualidades. Aos três minutos Tiago Teixeira reduziu a desvantagem, após jogada de insistência. Este tento animou ainda mais os jogadores da casa, que criaram uma série de oportunidades para conseguir chegar à igualdade. No

entanto, Hugo Figueiredo e o desatento dos atacantes conimbricenses foram adiando este objectivo.

Aos oito minutos, Cleminson faz uma falta dura sobre Batalha e vê o cartão vermelho directo. Dois minutos depois, numa grande combinação entre Benedito, Batalha e Teixeira, a Académica chega à igualdade, através deste último. Logo a seguir, os "estudantes" colocaram-se em posição de vantagem com dois golos em três minutos, por Rui Moreira (na insistência de um livre) e Luisinho (aproveitando um passe errado da defensiva gaiense). Era o 5-3 para a Académica.

Nos cinco minutos finais, o Coimbrões arriscou tudo e colocou um jogador de campo no lugar do guarda-redes. Esta estratégia pressionou a formação da casa e obrigou Gouveia a aplicar-se, evitando o golo por diversas situações. A dois segundos do fim, e aproveitando o avançar da equipa nortenha, Bruno Benedito deu a "estocada final" no jogo. O marcador definitivo ficou em 6-3.

Com esta vitória, os comandados de Francisco Batista somam agora 17 pontos e ascenderam à quinta posição da tabela classificativa. Na próxima jornada, os "estudantes" recebem o Junqueira.

## Secção de Futebol empata com o último

**"Estudantes" perdem pontos contra o último classificado, mantendo-se assim no meio da tabela classificativa**

**Bruno Gonçalves  
Diana do Mar**

Em jogo a contar para a 13ª jornada da Divisão de Honra do Campeonato Distrital, a Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra (SF/AAC) deslocou-se a Vila Nova de Ceira para defrontar o clube local.

Como é habitual neste escalão da modalidade, o jogo não se mostrou muito competitivo. Contra o último

classificado, os "estudantes" sentiam necessidade de pontuar, contudo, a vontade de vencer não foi demonstrada em campo. Apesar das investidas da equipa visitante nunca foi possível penetrar o reduto defensivo da formação da casa.

Antes do intervalo, os homens de Coimbra tiveram uma das mais flagrantes oportunidades de golo, com Celso a surgir isolado na área mas a rematar ao lado da baliza defendida por Luís. A SF/AAC teve ainda uma outra oportunidade de inaugurar o marcador, numa confusão à boca da baliza, em que Aldair Marta chega mesmo a marcar. No entanto, foi assinalada uma falta e o árbitro da partida anulou o golo da equipa visitante.

A segunda parte do encontro teve início com um remate da equipa da casa, através de Tiago Faisão que, apesar

do esforço, não conseguiu bater o guarda-redes da equipa academista. Os pupillos de Sérgio Gaminha reagiram e Pita, numa jogada individual, passou para Laertes que não conseguiu passar pela defesa da equipa adversária. Aos dez minutos do segundo tempo, Laertes vê a cartolina encarnada e é expulso, colocando a Secção de Futebol em desvantagem numérica.

Para colmatar a falha do número oito da equipa visitante, o treinador Sérgio Gaminha reforçou o meio campo com Cunha. Por outro lado, o Ceira começa a usufruir da superioridade numérica e a tomar conta do jogo. David rematou à trave da baliza de Luís Avelans, numa jogada que partiu de uma iniciativa individual de Rui Barros, o capitão da equipa da casa.

Aos 70 minutos de jogo, o técnico do Ceira Óscar Cunha decide apostar

no ataque para tentar surpreender os visitantes, substituindo Tiago Simão por Emanuel. No entanto, os "estudantes", mesmo a jogar com dez unidades, nunca desistiram de alcançar os três pontos. Fontes, capitão da Académica, obrigou Luís a uma defesa apertada, através da marcação de um livre.

Até ao final da partida, marcada por muitas interrupções, e com oito minutos de descontos, nada se alterou. O resultado manteve-se assim numa igualdade a zero.

No final do encontro, Sérgio Gaminha confessou que os seus pupillos "tiveram muitas dificuldades em entrar no jogo do seu adversário", numa partida com muitas faltas. Para além disso, o técnico tece ainda críticas à arbitragem, afirmando que a equipa foi "prejudicada": "Não tenho medo de o dizer", acrescenta.

## Taekwondo promove modalidade em Coimbra

**Bruno Gonçalves**

A Secção de Taekwondo da Associação Académica de Coimbra (AAC), em parceria com a Associação de Taekwondo do Centro, organizou no sábado a prova de apuramento para o Campeonato Nacional. Esta parceria propôs-se organizar esta prova tendo como objectivo trazer a Coimbra a competição da modalidade.

No entanto, o recinto escolhido para a realização do evento foi o pavilhão municipal de Penacova, uma vez que não se encontrou nenhum pavilhão disponível na cidade de Coimbra. O presidente da Secção de Taekwondo, Pedro Machado, justificou esta opção afirmando que "foram feitos contactos no sentido de conseguir um pavilhão dentro da cidade, mas não foi demonstrada disponibilidade por parte de nenhum dos contactados".

O apuramento para o Campeonato Nacional divide-se em duas provas, dividindo o país em duas zonas. Na prova deste fim-de-semana esteve representada a zona norte, estando sete associações em competição. A prova envolveu selecções dos melhores atletas de cada associação. A Secção de Taekwondo da AAC viu escolhidos cinco dos seus atletas para representar a selecção em que se insere, no entanto dois dos seleccionados não compareceram à competição.

Embora a competição seja organizada por equipas, os atletas são apurados para o campeonato individualmente, com três elementos de cada categoria, existindo no escalão sénior oito categorias. Dos representantes do taekwondo da Académica, dois foram seleccionados, Pedro Machado e Nelson Relvão, apurados em primeiro e terceiro lugar, respectivamente.

A final do Campeonato Nacional terá início no dia 6 de Fevereiro, tendo a duração prevista de dois dias e será organizada pela Associação de Lisboa. Neste campeonato os atletas apurados em ambas as provas confrontar-se-ão, sendo que o maior número de participantes da região sul resulta da escolha de cinco lutadores por categoria. O Campeonato Nacional funcionará segundo o esquema de eliminatórias, chegando-se assim a um último combate onde será encontrado o novo campeão nacional.

Depois da organização desta prova, a actividade da Secção de Taekwondo da AAC não para por aqui, estando já novos eventos em perspectiva. A secção pretende organizar no mês de Março uma taça associativa, congregando todas as equipas da Associação de Taekwondo do Centro, organizar de uma prova respeitante ao Campeonato Nacional Universitário em Abril e, por fim, levar a cabo o Torneio da Queima das Fitas, no qual este ano se pretende contar com a presença de equipas estrangeiras.

PUBLICIDADE

**Estudos de peritos americanos provam que a audição prolongada da Rádio Universidade de Coimbra provoca uma melhoria significativa do desempenho sexual dos seus ouvintes e dos que a rodeiam**

Alcatrão	0 mg
Nicotina	0 mg
CO	0 mg
Eter	107.9 FM
URL	www.ruc.pt



# O reaparecimento do Sousa Bastos

JP Simões e Pedro Medeiros fecham ciclo de performances à porta do antigo cine-teatro

**Decorre na próxima quinta-feira o último espectáculo da primeira fase de eventos na entrada do Cine-Teatro Sousa Bastos. A iniciativa é promovida pelo Movimento Sousa Bastos Vivo**

Lurdes Lagarto  
Ana Natacha

JP Simões e Pedro Medeiros são os rostos que esta semana dão vida à fachada do antigo centro de espectáculos mais polémico da cidade – o Cine-Teatro Sousa Bastos. O espectáculo encerra um ciclo de seis semanas de iniciativas promovidas pelo Movimento Sousa Bastos Vivo que desde 2001 desenvolve actividades no sentido da recuperação do edifício como espaço cultural.

Ao longo das últimas semanas a rua em frente ao edifício serviu de plateia para aqueles que assistiram às apresentações de companhias teatrais coimbrãs (algumas integram o movimento). Este ciclo integra-se naquilo a que o movimento denomina como “Cine-Teatro Sousa Bastos – temporada 2004/2005”.

JP Simões explica que vai apresentar “uma selecção de poemas e um bocado de conversa à volta da questão ‘Por que é que morrem os prédios?’”. O músico, que não faz parte do Movimento Sousa Bastos Vivo, afirma, contudo, estar solidário com a causa. E diz ter aceite o convite por considerar que deve aproveitar a oportunidade para fazer algo que ajude à renovação “daquele espaço e utilizá-lo para suprir muitas das falhas que Coimbra tem em termos de locais para espectáculos”.



Para 2005 estão já previstas algumas actividades para promover a recuperação do Sousa Bastos

O artista não culpa o proprietário, Joaquim Pereira Órfão, pelo impasse em que o edifício se encontra, mas sim “a inoperância da edilidade em tentar negociar”. Para JP Simões, o proprietário limita-se a defender os seus interesses, fazendo o trabalho que é de esperar de todos os proprietários: “É por isso que se chamam proprietários e não se chamam benfeitores”, considera.

Em relação à performance de Pedro Medeiros, explica Luís Sousa, do Movimento Sousa Bastos Vivo, esta consiste numa “viagem a espaços culturais da cidade” que vai ser visualizada através de um vídeo. Luís Sousa afirma que estes espec-

táculos são para continuar com um novo ciclo no primeiro trimestre de 2005 (algumas iniciativas já estão agendadas), mas “a apresentação do programa para Janeiro, Fevereiro e Março” só vai acontecer no primeiro mês do próximo ano. Com estas iniciativas o movimento pretende “conseguir mais adeptos desta causa”, na tentativa de “pré-figurar aquilo que poderá ser a actividade do Sousa Bastos”, refere Luís Sousa.

O presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, refere-se aos espectáculos promovidos pelo movimento como “performances” que podem ser realizadas “em qualquer sítio” e que

pelo facto de acontecerem “fora do Sousa Bastos, não é necessário que aconteçam dentro”.

## Novas verbas

A polémica em torno do futuro do edifício dura desde que o cine-teatro encerrou em 1988. As conversações têm-se efectuado entre o proprietário, a Câmara Municipal de Coimbra e o Movimento Sousa Bastos Vivo, mas nunca se chegou a um consenso.

Um factor que contribuiu para a indefinição do futuro do cine-teatro é a existência de vestígios arqueológicos nas fundações do edifício. Em 2001 foram descobertos acidentalmente alguns restos hu-

manos e peças ornamentais antigas na rua em frente ao edifício. As investigações acabaram por concluir que se tratava de um antigo cemitério que se estende por baixo do cine-teatro. Também por baixo do edifício podem existir vestígios da Igreja de S. Cristóvão, uma vez que o Sousa Bastos foi construído sobre as ruínas deste edifício. Por fim, há ainda a possibilidade de ali ter existido antes uma igreja hispano-árabe. No entanto, estes factos nunca foram confirmados, uma vez que não se realizou qualquer prospecção arqueológica no local.

Já há um ano, Carlos Encarnação tinha afirmado ao Jornal Universitário de Coimbra – A CABRA que a câmara se reservava “ao direito de intervir na exploração arqueológica do Sousa Bastos” pela sua importância “do ponto de vista da memória histórica” da cidade. Com base nesta posição assumida pela autarquia, foi anunciado no passado dia 6, em reunião de câmara, que no orçamento da edilidade vai constar uma verba para as investigações arqueológicas no interior do cine-teatro. Carlos Encarnação afirma que a quantia ainda não foi fixada porque o orçamento não está elaborado, dizendo que o que existe “é a obrigatoriedade da câmara fazer a prospecção arqueológica”.

Luís Sousa afirma que o movimento sempre defendeu a investigação dos vestígios arqueológicos, pelo que o anúncio da autarquia vai ao encontro de alguns dos seus objectivos. No entanto, Luís Sousa mostra-se céptico em relação a esta posição e prefere esperar pelo desenrolar do processo. O membro do movimento refere ainda que por ordem do proprietário, uma das entradas do edifício, que se encontrava emparedada, foi aberta e começaram trabalhos de remoção de escombros. No entanto, ainda não se sabe se estas obras estão relacionadas com a possível investigação arqueológica.

## História da Humanidade em Coimbra

**“Mahabharata”, constituído por 230 mil versos escritos ao longo de oito séculos, sobe agora ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente. Um teatro de marionetas, dirigido por Massimo Shuster**

Daniel Boto

O Théâtre de l’Arc-en-Terre vai estar na principal sala de espec-

táculos de Coimbra hoje e amanhã para apresentar aquele que é o seu mais recente trabalho – “Mahabharata”, uma peça de marionetas baseada no poema homónimo, o mais extenso texto épico de todos os tempos.

“Mahabharata” (que em Sânscrito, língua em que foi escrito, na Índia Antiga, há mais de 5000 anos, significa “a grande história da humanidade”) foi desta vez transmutado para o palco pela companhia francesa dedicada ao teatro de marionetas para adultos dirigida por Massimo Schuster. Marionetista, cómico, encenador e patafísico, Schuster já trabalhou desde 1975 em mais de cinquenta

países. Com direcção de Silvio Martini e colaboração de Francesco Niccolini, Schuster é o responsável por manipular em palco, sozinho, marionetas-esculturas que foram criadas por artistas italianos exclusivamente para este espectáculo.

“Mahabharata” é uma narrativa épica que se divide por 18 livros, num total de cerca de 230 mil versos, cuja autoria se atribui a um sábio eremita de nome Vyasa (apesar da sua composição se ter prolongado por quase 800 anos). Na sua origem está um vasto conjunto de situações dramáticas vividas por estirpes de príncipes e personagens mágicas que, insuflados por

inúmeras intenções instrutivas, representam uma fonte de moralidade que se tem perpetuado oralmente ao longo dos séculos e que ainda permanece presente nos dias de hoje. Faz-se intercalar por variados temas alheios à epopeia, quer filosóficos, religiosos ou jurídicos.

Massimo Schuster figura entre os mais proeminentes nomes da actualidade na abordagem cénica com recurso a marionetas para a construção de novas estéticas teatrais, a par de Roman Paska (EUA), Joan Baixas (Espanha) ou Claudio Cinelli (Itália). O recurso ao teatro de bonecos é talvez tão antigo quanto a própria actividade

teatral como manifestação consciente de múltiplas identidades complexas a partir do elemento humano.

Quando se perspectiva cenicamente algo como “Mahabharata”, multiplicam-se os obstáculos impostos por uma língua difícil e por factos estranhos à cultura e aos códigos da civilização ocidental. Dadas todas estas dificuldades, torna-se necessária a colaboração de peritos no tema e na linguagem, de forma a poder concretizar uma adaptação a partir dos textos originais, evitando assim algumas deformações ou perdas de conteúdo que podem ser decorrentes das várias traduções.



# “Já estava com saudades”

Sérgio Godinho regressa a Coimbra, uma cidade de que tem boas recordações

ANA ESTÉVÃO

A “cidade dos estudantes” recebe Sérgio Godinho, na próxima quinta-feira, pelas 21h30. O Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) será o palco da comemoração do 64º aniversário do Ateneu de Coimbra

Ana Bela Ferreira  
Diana do Mar

Um dos mais experientes cantores portugueses fala da nova geração de músicos nacionais, da falta de apoios à produção musical e da praxe. Mais de três décadas depois de ter dado os primeiros passos no mundo da música, Sérgio Godinho mantém “um brilharinho nos olhos”.

**Qual é o segredo de tanto sucesso após 33 anos de carreira e 16 álbuns de originais?**

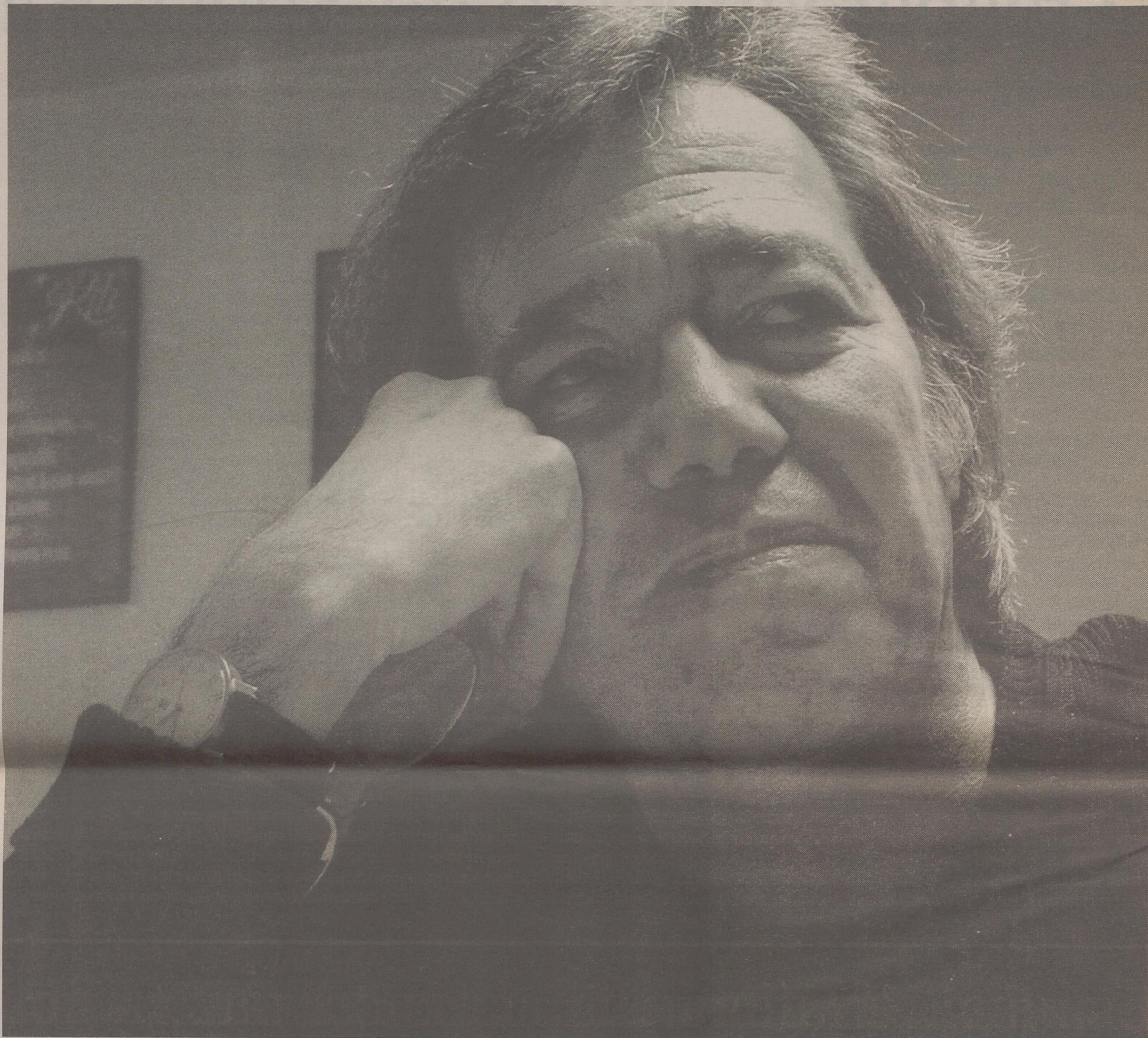
Não acho que haja nenhum segredo. É o prazer de fazer música e de partilhá-la tanto com as outras pessoas como com os meus músicos, que são grandes companheiros de estrada. Gosto de desenvolver o meu lado criativo e gosto muito de estar em palco porque permite uma renovação dentro de nós. Mas isto não é propriamente um segredo.

**A maior parte das músicas de Sérgio Godinho são conhecidas como intemporais. Como é que se consegue isso? Há alguma fórmula?**

Não. Tenho músicas que morreram de morte natural, digamos assim... Mas, há outras que ainda continuam a dizer coisas às pessoas, tal como a mim. Tenho necessidade de sentir as músicas e sentir prazer em revivê-las. Isto exige que saiba partilhá-las com as pessoas. Esse trabalho não é só meu: envolve o pessoal que está comigo, que faz os arranjos nas minhas canções e que transforma as roupagens destas. Mas não há nenhuma fórmula, até porque as minhas canções são de teor muito diferente. Tenho canções de amor, canções mais intimistas, outras de crítica social e outras que são como frescos de personagens.

**Fugir à música de intervenção, característica da década de 70, permitiu-lhe prolongar a carreira?**

Esse nome é um bocado ambíguo porque em todos os discos tive canções de diferente teor. Representa a forma como eu olho para a sociedade: há coisas que apoio, coisas que me revoltam e outras que sinto que podem ir mais além. Não consigo distinguir o conceito de música de intervenção. Continuo a ter canções que ainda fazem todo o sentido nos dias que correm. Temas como o trabalho infantil, as relações de poder, a corrupção ou a praxe são temas intemporais, mas também falo de coisas íntimas como a simplicidade de uma criança a comer uma tangerina...



“Lamento que muitos destes jovens não se aventurem a cantar em português porque não percebo qual é o problema. Têm medo que as letras soem a algo ridículo?”

**Tem por hábito ouvir os seus trabalhos?**

Não tenho esse hábito, até porque é como estar sempre a olhar-me ao espelho e isso é um bocado cansativo. Uma pessoa quando ouve um tema antigo nem sempre se reconhece exactamente, o que pode ser um bocadinho deformante. Mas, faço isso quando estou à procura de reviver canções que estavam inertes. Também não queremos ficar sempre com o mesmo repertório e quando pretendo alterar alguma coisa, geralmente vou directo a certas coisas que já tenho na memória. De qualquer forma, é sempre bom confrontar-me com o trabalho anterior.

**Considera que tem um público-alvo?**

Não. Eu próprio me surpreendo com as diversas reacções de pessoas de diferentes idades e de diferentes gerações. Acho que há pontos comuns na sensibilidade das pessoas e,

por isso, não faço as músicas a pensar no público que quero atingir. Quando se cria, o objectivo é que alguém compreenda isso. Esse alguém é sempre muito abstracto. Tenho locutores íntimos e quando componho penso em especial num grande amigo meu e no quanto ele ia gostar de uma canção, o quanto iria apreciar o meu trabalho. Isso é, sem dúvida, um estímulo suplementar. É uma questão de sensibilidade.

**Para além da sua já referida adoração por Zeca Afonso, sente-se estimulado por outros músicos?**

Fui formado com o Zeca, com os Beatles, com os Doors, com os Stones, com o Bob Dylan, foram coisas que me marcaram. Já um jornalista brasileiro referiu que eu tinha algo de Chico e algo de Caetano. O Chico não está muito activo porque está a escrever, mas é realmente primorosa a maneira como ele manipula as palavras. Por sua vez, o Caetano é

um génio e é das pessoas mais criativas que conheço.

**“Uma geração que não tem complexos”**

**Como encara a nova geração de cantores e compositores?**

O actuar desta nova geração abarca géneros muito diferentes. Desde o fado, à música mais tradicional, ao jazz, ao hip-hop, ao rock puro e duro até ao rock mais experimental, é curioso observar que dentro desses géneros todos está a aparecer muita gente. É uma geração que não tem complexos em criar. De certo modo, o “Irmão do Meio”, é como que uma espécie de mostra, não foi um ponto de partida. Representa um pouco a noção natural de diversidade. Para lá dos quatro brasileiros que participam no disco (Caetano Veloso, Milton, Gabriel, o Pensador e o Zeca Baleiro), há desde hip-hop, aos Gai-teiros de Lisboa, Clã, Da Weasel, Camané, Xutos e Pontapés, Carlos do Carmo, Jorge Palma, David Fonseca e isso só prova que há uma espécie de demonstração de vitalidade que transparece através das minhas canções.

**O cd comemorativo dos 30 anos**

**de carreira foi algo diferente daquilo que se poderia esperar já que contou com a sua própria participação. Porquê fugir ao conceito de tributo?**

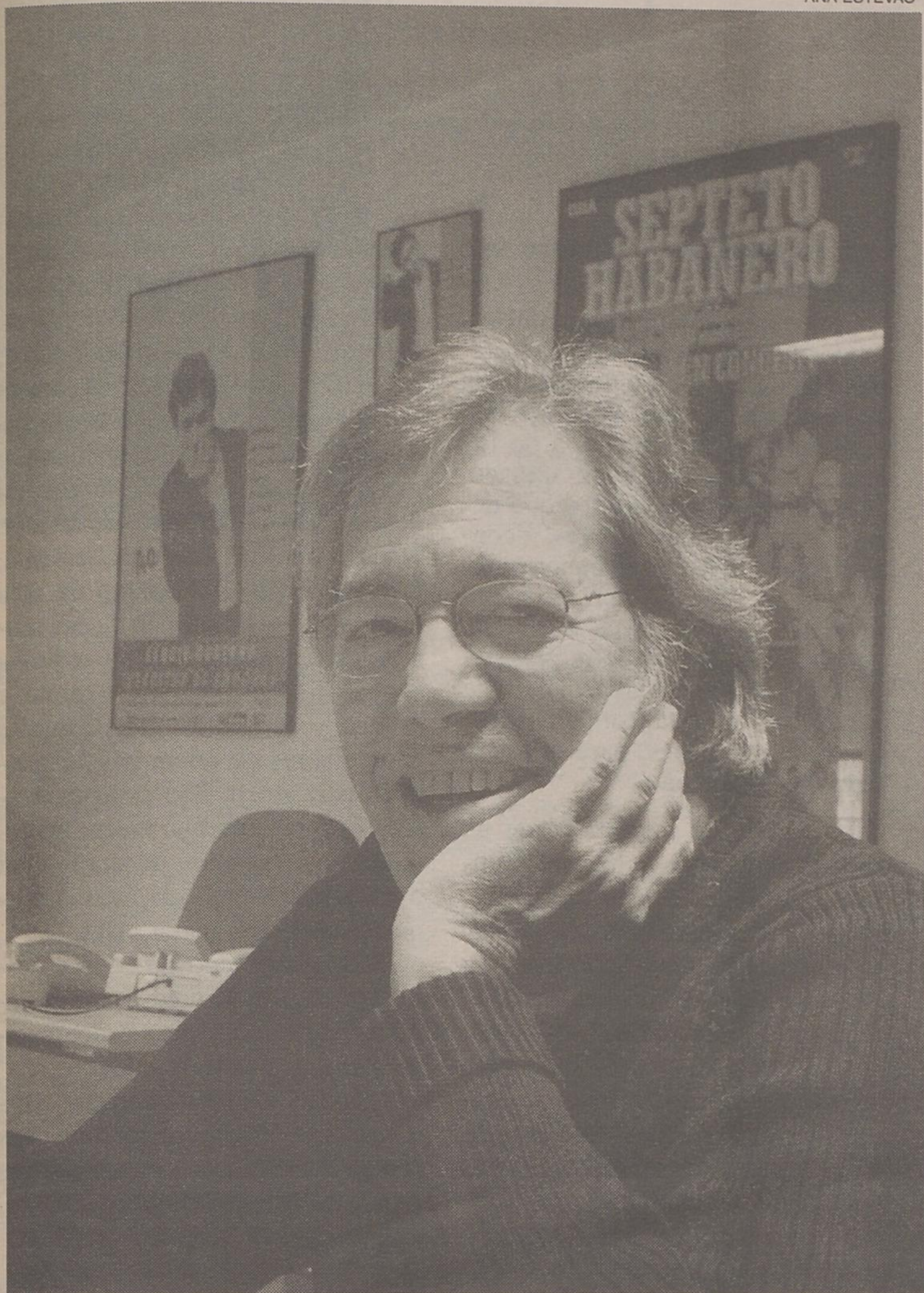
Realmente, a editora queria fazer um tributo, mas achei que não tinha grande graça. Apeteceu-me “pôr as mãos na massa” e usufruir da vantagem de escolher o material, os intervenientes e pegar em canções que não eram as mais conhecidas. Isto só foi possível porque se fugiu ao conceito de tributo, no verdadeiro sentido da palavra.

**É difícil cantar em português, uma vez que o Sérgio também começou por cantar em francês? Como vê o facto de a nova geração recorrer de forma sucessiva ao inglês para vingar?**

Não tenho nenhum preconceito em relação a isso, mas tenho pena que essas pessoas digam que não conseguem cantar em português. Inclusive, dou-me muito bem com o David Fonseca e já tivemos algumas conversas em relação a isso. Lamento que muitos destes jovens não se aventurem a cantar em português porque não percebo qual é o problema. Têm medo que as letras soem a algo ridículo?



ANA ESTÉVÃO



**Parece-lhe um pretexto para alcançar um mercado além fronteiras?**

Não, de modo algum. Isso é uma ilusão, uma miragem. Pode haver um caso ou outro em que isso aconteça, mas é muito pontual. Por exemplo, no caso dos Madredeus ou em relação à Dulce Pontes verifica-se o contrário: o seu sucesso deve-se ao facto de cantarem em português. No entanto, acho que eles têm o direito de tentar entrar no mercado internacional, mas não acho que seja por cantar em inglês. Existem bandas como os The Gift que assumiram de início o objectivo de entrar no mercado internacional. Acho que é um direito, mas não acho que isso seja um veículo.

**Alguma vez pensou numa carreira internacional?**

Não, nunca pensei nisso. Quanto muito acho que o problema para resolver é a história do Brasil, porque tem a mesma língua. O "Irmão do Meio" era para ter sido lançado este ano no Brasil e não foi, o que demonstra a dificuldade de penetração da música portuguesa no mercado brasileiro. Mas ninguém está aqui para dar brindes aos outros, o problema é esse (risos). De resto, não faço esforços especiais porque acho que as minhas canções não viveriam sem a música que têm, nem sem as palavras, porque são um conjunto muito coeso.

**"Sou bastante crítico com o meu trabalho"**

**Acha que faltam apoios institucionais, por exemplo, na questão da divulgação?**

Claro que faltam. A começar pela história do IVA dos discos a 19 por cento, que, são uma vergonha, comparado com o dos livros a cinco por cento. As editoras já carregam no preço dos discos e a pirataria veio agravar esta a situação. Sou contra a pirataria, mas com o preço das coisas não posso condenar as pessoas.

**Para além da música investiu**

**um tema?**

Não, no caso de grupos ou cantores o que tem acontecido é pedirem-me uma canção e, portanto, o que eu procuro é que esteja adequada àquela pessoa, àquele estilo, àquela sensibilidade. No caso de coisas para teatro ou para cinema, aí já tenho um tema de base, mas dentro disso também disponho de muita liberdade para criar, como foi o caso recente em que escrevi para a peça "Portugal, uma comédia musical".

**Pensa que os seus últimos discos estão melhor construídos porque atingiu um ponto mais alto da maturidade?**

A maturidade é sempre uma coisa que se vai construindo dia-a-dia, mas também pode ser um nome perigoso enquanto sinónimo de uma espécie de acomodamento e é isso que procuro evitar. Apesar da maturidade existir hoje, acho que ela já existia no início, embora de maneira diferente. Agora o que acho é que este pessoal que trabalha comigo puxa por mim e isso é bom. Não se pode perder a espontaneidade nem uma certa frescura.

**"Sou contra a pirataria, mas com o preço das coisas não posso condenar as pessoas"**

**O Sérgio muda bastante de equipa de trabalho...**

Sim, mas também não é uma coisa obsessiva. Desde há alguns anos que estou com este pessoal, que agora se chamam assessores (risos). A canção "Bem-vindo Sr. Presidente" começou com uma piada, o que mostra o nosso entendimento.

**O Sérgio de "Sobreviventes" até "Irmão do Meio" é um Sérgio diferente? O que é que mudou ao longo destes anos de carreira?**

É curioso porque há coisas que eu faria diferente, mas que não são tão fulcrais como isso. Acho que há uma personalidade que vai continuando e, por outro lado, procuro estar atento ao que me rodeia. Naturalmente,

ções e, a partir daí, é um trabalho partilhado.

**Escreve a pensar numa música ou faz uma música a pensar numa letra?**

Normalmente, faço mais a música primeiro, depois as palavras e as frases vão caindo por cima da música. Mas, a letra também vai transformando a música e é este o processo. No entanto, começo geralmente por uma base musical.

**Na música "Maçã com bicho" fala da praxe, um tema muito próximo dos estudantes. Como vê a sua inclusão no ritual de integração da comunidade universitária?**

Nessa canção, inserida no álbum Lupa, condeno mais os abusos da praxe do que os rituais de integração. O que eu acho é que uma coisa é o humor e outra coisa é o riso. Quando digo "prender o humor na gaiola do riso" refiro-me à alarvice e, sobretudo, à humilhação e isso quanto a mim não faz qualquer

sentido. O facto de as pessoas serem humilhadas para mais tarde poder humilhar ou para se sentirem integradas não me parece correcto. Apesar disso, continuei a ser convidado para Queimas das Fitas e outras festas académicas. Posso relacionar-me mais ou menos com essa questão, mas isso diz respeito à minha sensibilidade. Tem a ver com certos rituais que se convencionaram como o lado mais truculento das praxes e que, no fim de contas, a mim não me dizem nada.

**Quando cantou nas Queimas das Fitas quais foram as reacções dos estudantes a essa música em particular?**

Reagiram bem e aplaudiram bastante. Acho que as pessoas no fundo sabem que aquilo que estou a dizer faz sentido e compreendem isso.

**Como vê estes últimos acontecimentos, em Coimbra, que envolvem os estudantes?**

A situação universitária, e não só, está muito má porque continuam a ser dadas condições muito insuficientes aos estudantes, não só ao nível do ensino propriamente dito, mas também ao nível da acção social. Acho que se devia investir mais na educação, é preciso mas dinheiro, porque sem dinheiro as coisas não se fazem. É preciso uma atitude que faça com que as pessoas tenham vontade de estudar, que tenham os materiais, que se sintam integrados e que se sintam estimulados. Acho que isto tudo é o mais importante. Mais importante do que certas diferenças entre estudantes e Ministérios da Educação.

**Como perspectiva o seu regresso a Coimbra, após algum tempo de ausência?**

Sempre foi muito bem recebido em Coimbra. Cheguei a cantar no Avenida em 1978/79, cantei várias vezes no [Teatro Académico de] Gil Vicente e o público é exigente, mas depois, quando entra, entra muito bem. Cantei, também, no Jardim da Sereia com os Clã quando tivemos o espectáculo juntos. De Coimbra tenho uma série de recordações muito boas, gosto do pessoal que é activo e atento e, sinceramente, já estava com saudades.

**Em palco...**

**Rui Pestana**

**Opinião**

## É teatro real

**"Teatro Ambulante de Chopalovitch"**

**Texto: Lioubomir**

**Simovitch**

**Encenação: Pedro Matos**

**Realização Plástica:**

**Carlos Reis**

**Teatro de Bolso do TEUC**

**Pelas 21h30 até dia 18**

*O teatro faz sentido em tempo de guerra? Onde começa e termina a linha ilusória entre o palco e o espectador? Qual o nosso papel como pretensos actores neste mundo? Ao longo de mais de duas horas, "O Teatro Ambulante Chopalovitch" transforma-se num poço de interrogações.*

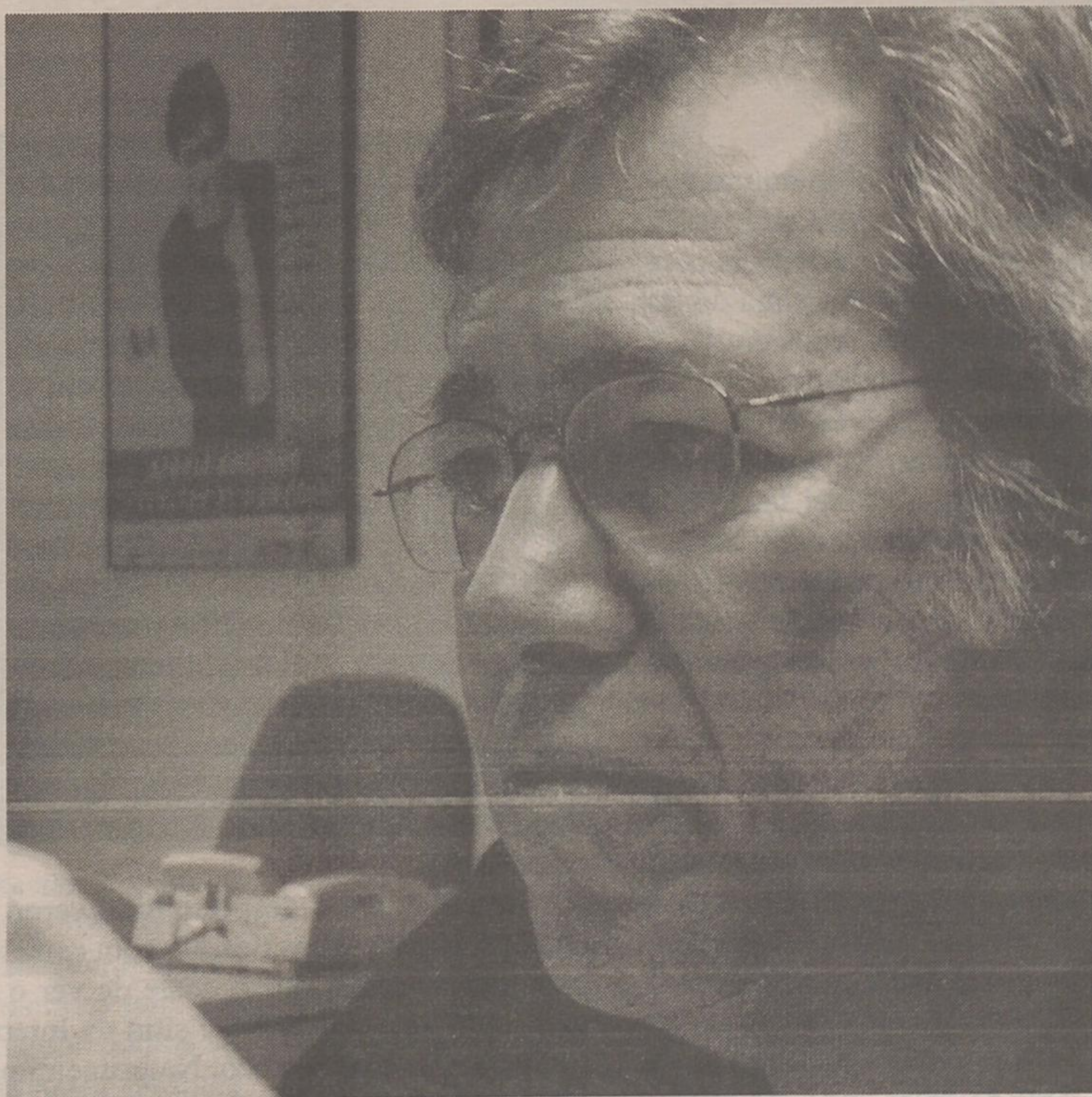
*Quatro actores do Teatro Ambulante Chopalovitch apresentam-se no Teatro de Bolso do TEUC como artistas que viajam pela Sérvia durante a guerra. Ganham a vida com representações nas localidades em que passam, mas não conseguem afastar os espectadores do pânico.*

*Portam-se como seres estranhos à sociedade que os recebe e pretendem mostrar que existem várias maneiras de fugir aos tiros. Por outro lado, há também quem duvide que possamos viajar numa sala escura ou na companhia de um simples palhaço de rua. E esses fogem e não param de fugir. Nunca chegam muito longe, esses. Nunca chegam "à Inglaterra ali ao lado". E o teatro faz sentido em tempo de guerra?*

*Uma espada de madeira pode matar um homem e conquistar continentes. Não é um simples adereço de teatro. Contudo, a ignorância e a intolerância podem ser armas bem mais devastadoras. As pessoas olham de lado para os actores que se vestem de forma estranha. Eles não são espiões da potência invasora mas falam em código e usam nomes falsos. Matamos e morremos em todas as peças mas, ao mesmo tempo, já estamos mortos nas nossas vidas. Estamos mortos quando não vemos para além do evidente. E onde começa e termina a linha ilusória entre o palco e o espectador?*

*Um actor esquizofrénico que não distingue o palco da realidade. Às vezes é Shakespeare, doutras parece ser Molière, mas também é um prego ou então uma deixa que fica pendurada lá em cima, no ar. É sempre difícil dizer quem é quem, mas seria impossível descortinar quem pertence à realidade e quem não é mais que uma personagem. Vamos ao cabeleireiro, compramos cousas e lousas, falamos bem para que todos nos ouçam, mas em "O Teatro Ambulante de Chopalovitch" é que há um actor que é esquizofrénico. E qual o nosso papel como pretensos actores neste mundo?*

*Miguel Duarte diz nesta edição de A CABRA que "a Associação Académica de Coimbra é um microcosmos único". Somos 14 secções culturais, 25 desportivas e oito organismos autónomos; parece ser um microcosmos bastante diversificado. "O Teatro Ambulante Chopalovitch" passa-se aqui, não na Sérvia. E porque é que a intolerância, a ignorância e o autismo têm de existir num microcosmos tão diversificado e único?*



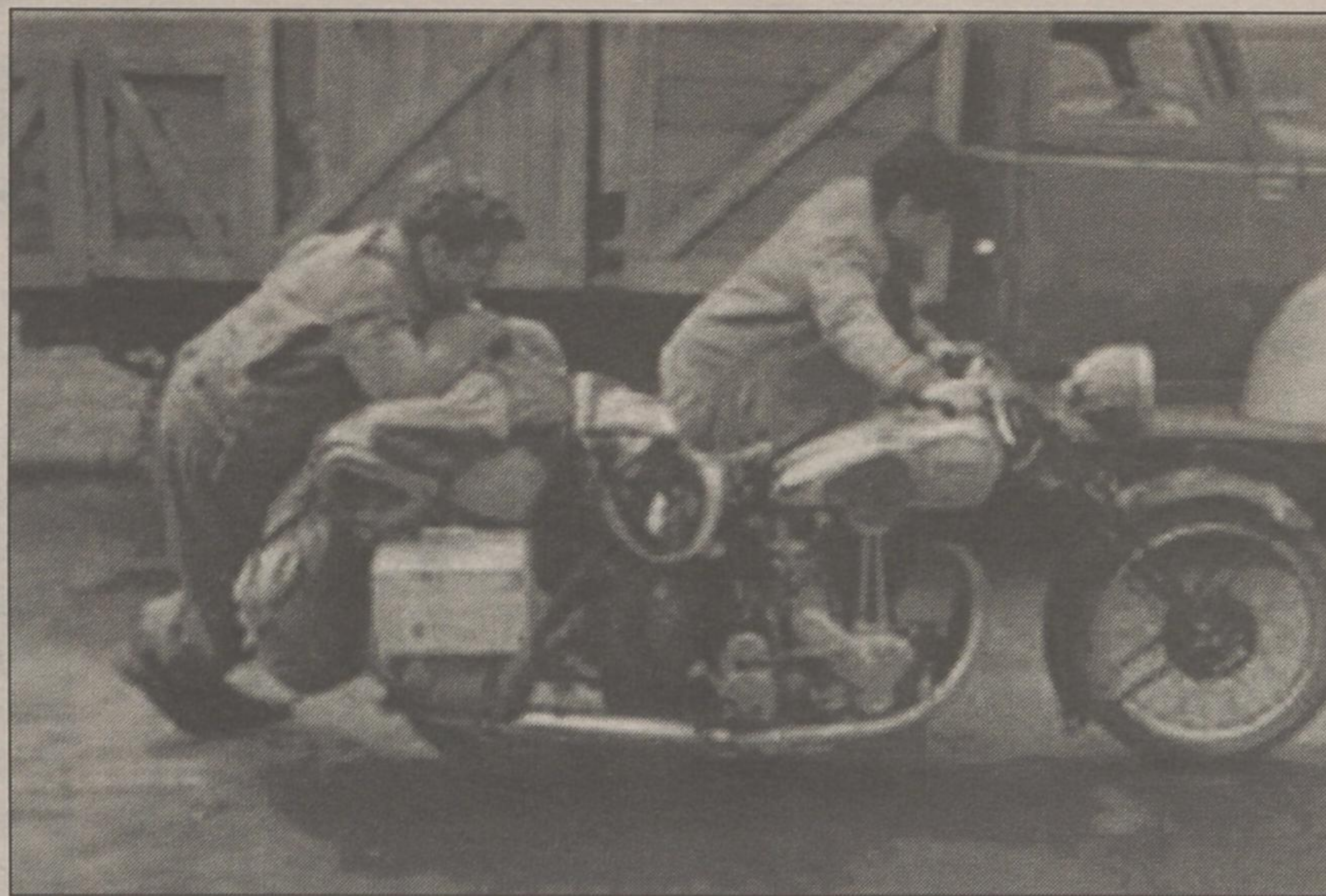
que as artes me estimulem. Acho que a criação é uma coisa muito auto-estimulante.

**Já escreveu para outros grupos/músicos. Nessa escrita encomendada, que referiu, tem liberdade criativa ou é-lhe proposto**

os sons que ouço têm mensagens diferentes, estimulam de maneira diferentes. Apurei, também, o modo de estar em palco, de cantar, inclusivamente, gosto de interagir com os músicos e há um grande entrosamento entre nós. Trabalho solitário na composição, na criação das can-



## Vê-se...



## Ché antes de Ché

Nesta coisa de criticar filmes é bastante fácil perdermo-nos em análises semânticas de planos, performances do elenco, pormenores técnicos e outros que tais. Contudo, ao longo da história do cinema, o que leva as pessoas ao cinema têm sido sempre as histórias. São as boas histórias que fazem perdurar os negativos e não o contrário.

A este respeito, "Diários de Ché Guevara" tem tudo para ser um filme fascinante com todos os ingredientes que cativam o público. Dois amigos despedem-se da juventude e partem numa viagem pela América do Sul. O plano: partida de Buenos Aires passando pela Patagónia, Chile, Peru e chegada à Venezuela num prazo de cinco meses. Para além de paisagens fantásticas (o cinema não foi inventado para documentar o mundo?), é uma viagem de descobertas, amizade, rebeldia e injustiças.

Mas a mais-valia de toda esta história é, sem dúvida, ser interpretada

pelo que veio a ser uma das personagens históricas mais carismáticas do século XX: Comandante Ernesto "Ché" Guevara.

Contudo, Gael García Bernal, na pele do comandante, não consegue transmitir a força que caracterizou o "Ché" e que faz com que muitos ainda o usem ao peito. O papel de Alberto Granado, companheiro de viagem de Ernesto, ficou muito melhor entregue a Rodrigo de La Serna. Curiosamente, ao realizador Walter Salles só podemos apontar a falta de coragem para travar o "overacting" de Rodrigo de La Serna. O que por vezes pesa em "Diários de Ché Guevara" são as semelhanças na interpretação de Rodrigo de La Serna com um Sancho Pança moderno.

"Diários de Ché Guevara" vale por não pretender ser uma doutrina e, sobretudo, pelo que não diz directamente. Não há julgamentos, não mostra política. É um relato de uma viagem, uma visão do mundo.

Rui Pestana

## A fronteira oculta do ser humano

Oito mil quilómetros, durante oito meses. Uma descoberta da América Latina, à procura de nada, mas ao encontro de tudo. Pode ser esta a premissa para a aventura de Ernesto Guevara e Alberto Granado, dois estudiosos argentinos que decidem sair de Buenos Aires, à conquista de si mesmos. E nunca o improvisto de uma viagem fez tanto sentido, como acontece em "Diários de Ché Guevara". As próprias personagens, que aparecem durante o trajecto são de tal forma autênticas, que, por vezes, parecem nem fazer parte do guião.

Essa ideia de impulsividade na câmara de Walter Salles mantém-se, aliás, em toda a fita. Nos olhares de penúria dos mineiros expulsos de casa, nos sorrisos-máscara dos leprosos de San Pablo, ou mesmo nas lágrimas retidas da velha chilena, às portas da morte. Um chorrilho de manifestações humanas, iluminadas pela fotografia de Eric Gautier (as ruínas de Machu Picchu nunca foram tão belas) e en-











grandecidas pelo estrondoso talento de Gael García Bernal, no papel de Ernesto.

Parece então evidente que não é o revolucionário "Che" que está em causa, aquele que Alberto Korda fotografou em 1960, nem, muito menos, a tentativa de subverter a consciência política do espectador. "Diário de Che Guevara" assenta, antes de mais, no lirismo da raça humana e na dissecação da sua mutabilidade interior. Quem o prova são as imagens finais, a preto e branco, dos rostos genuinamente acomodados de quem não tem espaço para sorrir. São essas expressões sem retorno que fazem Ernesto Guevara, quando deparado com o motivo daquela aventura, afirmar: "Viajamos... por viajar".

A estrada percorrida é vista, neste sentido, como uma fronteira invisível, entre a ética e a espontaneidade do ser humano.

"Diários de Che Guevara" afirma-se, subtilmente, como uma das grandes surpresas cinematográficas de 2004. **Tiago Almeida**

## Diários de Che Guevara/ Walter Salles

Gustavo Sampaio	Belíssima história que relata uma viagem marcante pelo continente sul-americano de dois jovens amigos		
Jorge Vaz Nande	Um filme visível, apesar de meio perdido entre a homenagem, a reconstrução histórica e o manifesto político		
Rui Pestana	"Diários..." vale por não pretender ser uma doutrina e, sobretudo, pelo que não diz directamente		
Tiago Almeida	Nunca o improvisto de uma viagem fez tanto sentido, como acontece em "Diários de Che Guevara"		
A evitar 	Fraco 	Podia ser pior 	Vale o bilhete 
A Cabra aconselha 	A Cabra d'Ouro 		
Os críticos de cinema escolhem os melhores 5 filmes do ano em <a href="http://acabra.net">acabra.net</a> .			

## Navega-se...

## Jogos online

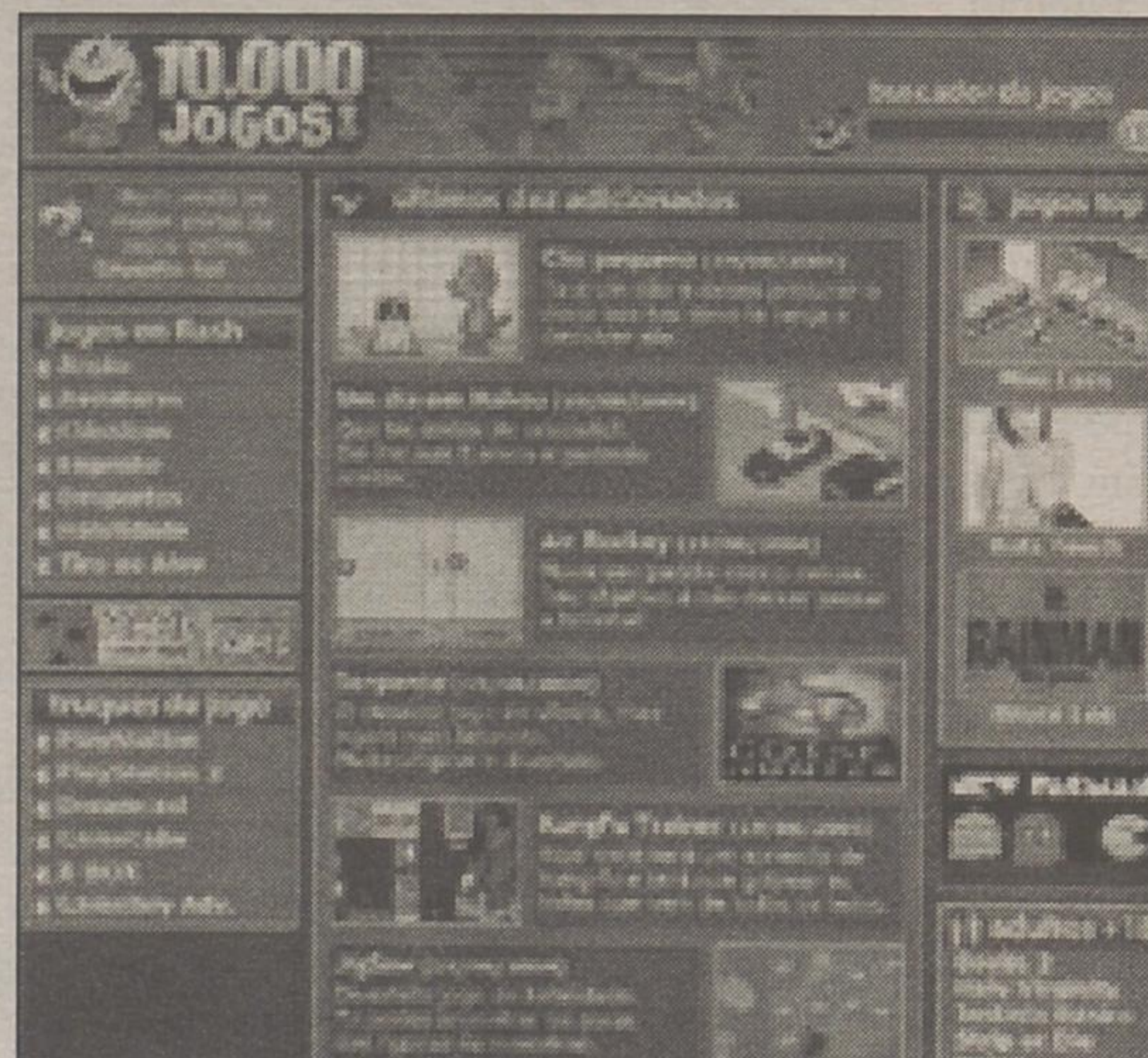
As festividades natalícias que se aproximam são sinónimo de muitas horas passadas à mesa, mas também de muito tempo livre. E para ocupar essas horas deixo aqui a sugestão de uns jogos na Internet, de preferência com um aquecedor ao pé de modo a que os dedos não congelem em cima do teclado. Neste sítio temos alguns milhares de pequenos jogos feitos em flash para serem jogados por nós. Os jogos encontram-se divididos por Acção, Aventuras, Clássicos, Engenho, Desporto, Habilidade e Tiro ao Alvo. Para além destes jogos também há uma secção com dicas para os jogos de consolas. Caso se saiba o nome do jogo que se pretende é possível fazer uma pesquisa pelo seu nome e ir directo à sua página. Há também um top dos jogos mais jogados, caso queiramos seguir os passos da maioria. Depois de escolhermos o jogo que pretendemos, o nosso computador liga-se ao servidor da empresa que nos fornece o jogo e a partir daí estamos prontos a gastar algumas horas em diversão.

<http://jogos.10000jogos.com/>

## Mundo do Golfe

Esta altura do ano de certeza que não é a mais apetecível para uma partida de golfe, mas os aficionados continuam à escuta. No Mundo do Golfe é possível descobrir as notícias, em português, do que se passa neste mundo. Na primeira página podemos ver os destaques das notícias dos últimos dias. Claro que há mais secções, temos uma dedicada aos diversos campos existentes em Portugal onde se fala das condições, há um pequeno resumo das características e a morada. Temos também as caras do golfe onde as notícias são sobre as personalidades do mundo do golfe a nível nacional e internacional. A Economia e Golfe fala da relação entre os dois mundos, aqui ficamos a conhecer os investimentos feitos no golfe pelas empresas, sejam elas pequenas ou grandes. Na secção de torneios, tanto a nacional como a internacional, dão-nos a conhecer quais os torneios de maior importância que vão acontecer pelo mundo. Para finalizar temos as galerias, onde nos podemos deliciar com fotografias diversas do mundo do golfe.

<http://www.mundodogolfe.com>



## Curling

Já o curling é um desporto do Inverno. Não é muito praticado em Portugal pela falta de pistas de gelo com características para o jogo, mas não quer dizer que não haja quem goste de ver o desporto no Eurosport de vez em quando. Com a ajuda deste sítio na Internet podemos ficar a conhecer melhor este desporto nórdico. Na primeira página escolhemos a língua em que queremos fazer a nossa visita, infelizmente só há o alemão e o inglês. Depois somos levados para uma página onde estão várias ligações para animações com situações específicas do curling. Para além dessas animações também há uma secção com as regras do jogo. Há uma secção de literatura com informação sobre livros editados sobre o jogo. Outra secção disponível contém ligações a outros sítios na Internet dedicados ao mesmo tema.

<http://www.curlingbasics.com>

## Jogos online

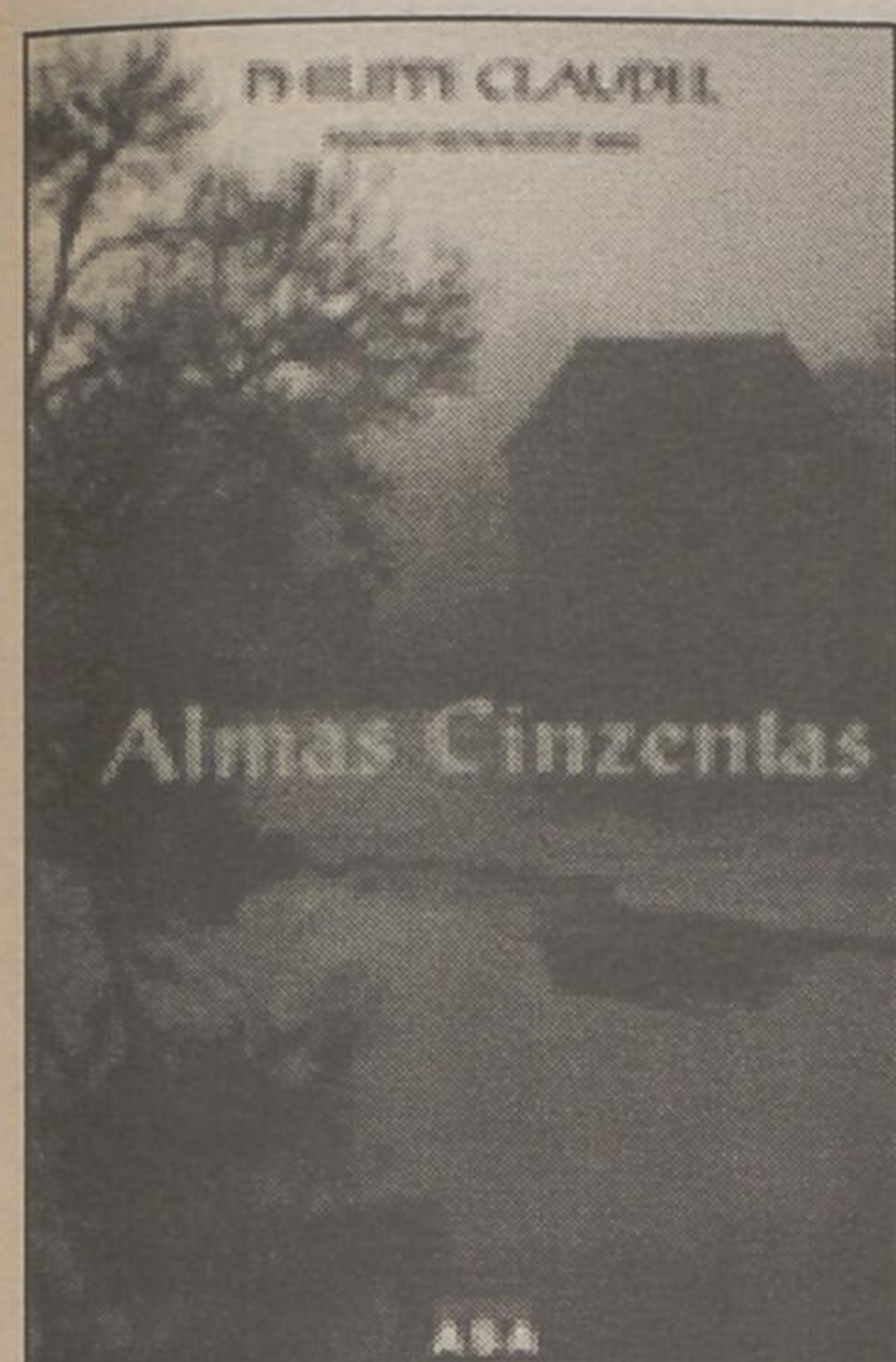
## "10.000"

<http://jogos.10000jogos.com>

Nuno Curado



## Lê-se...



Philippe Claudel

“Almas Cinzentas”

Edições Asa, Outubro de 2004.

9/10

### Jogo de Sombras

Mais do que um romance, “Almas Cinzentas” é uma carta de um condenado, cuja narrativa confessional é um desfile de sombras diluídas no tempo que escapam à luz da memória na sua plenitude, mas que permanecem latentes e difusas, como grilhões da existência.

Decorridos cerca de vinte anos, um polícia – o nosso narrador, condenado ao vazio de viver entre sombras e guardar muitos segredos, escreve como catarse, elementos-chave de uma trama em jeito de policial.

Eclodira a Primeira Guerra Mundial e, na pequena aldeia a norte de França, vivia-se uma falsa segurança, dada a proximidade com a frente de batalha, apesar de resguardada por uma colina verdejante.

No pacato sítio, desfilava a vida, apesar dos encontros frequentes com a guerra: som dos canhões, militares de passagem, estropiados acolhidos, desertores e loucos que coexistiam com os habitantes de modo paralelo. Os quotidianos passam-se sem grande alarido, ainda que o sentimento, como um polvo gigante, espriasse os seus braços subrepticiamente. Há, também aqui, guerra, a já antiga, centrada entre o bem e o mal, cujas frentes se imiscuem, mostrando que o maniqueísmo é pura ilusão teórica, que ambos são face da faces da mesma moeda; dizendo-nos que o mundo nunca é a preto e branco, mas uma escala de cinzentos.

O enredo – “o caso” – começa com o surgimento do corpo de uma menina de dez anos à beira de um lago, perto do Palácio, lugar obscuro onde vive um solitário e seco viúvo, com os seus criados, Destinat, Tristeza de alcunha. Tristeza é Procurador, destinando o futuro de outros homens com a mesma serenidade que os condena ou poupa à morte.

“O caso” deixa os habitantes em alvoroço e as autoridades – um opulento e desprezível juiz, e um seu amigo, encontram os culpados na figura de dois jovens desertores, ainda que existam indícios da sua inocência, encerrando “o caso”.

A morte da menina, Lírio-do-Vale, serve de pretexto para uma sucessão de quadros e memórias, cujas passagens desfilam perante nós numa narração cada vez mais densa e intrigante.

“Almas Cinzentas”, assinado por um premiado de um Goncourt e de um Renaudot, tem uma escrita fluida, prendendo o leitor da primeira à última página, nunca sendo previsível o desfecho de cada episódio da narrativa. **Andreia Ferreira**

## Ouve-se...



Music A.M.

“A heart & two stars”

Quatermass Belgium, 2004

7/10

### Um algodão doce, s.f.f.

De tempos em tempos, vemos parir, numa Alemanha frequentemente conotada de pouco afável, um delicioso projecto de electrónica com o qual prometemos uma fidelidade inabalável. Depois dos Notwist, dos Lali Puna ou dos Static, apresente-se um novo vício: chamam-se Music A.M. e têm como homem das letras e dos acordes Luke Sutherland (ex-Long Fin Killie, ex-Bows e violinista nos Mogwai). A completar o trio, chame-se à baila Stephen Schneider (To Rococo Rot), no baixo e nos sintetizadores, e Volker Bertelmann (Tontraeger), nas teclas e programações.

Desengane-se o ouvinte que vai ao encontro de novidades em “A Heart & Two Stars”. A electrónica de traços delicados já tem alguns anos de idade e, diga-se sem rodeios, os Music A.M. não são a salvação de coisa alguma. São, antes, um reforço, fresco e apetecível, do melhor que se pode esperar do casamento entre uma electrónica de cariz ambiental e uma suavidade folk sugada ao dedilhar de uma guitarra acústica.

Um conselho àqueles que incessantemente procuram reencontrar-se com a inocência e a pureza perdidas na infância, aos que não trocam por nada uns minutos de fantasia e imaginação, àqueles que gostam de manhãs frescas mimadas por um sol tímido ou ainda aos entusiastas da contemplação das estrelas: oiçam este disco, mas não o descurem. Um ouvido distraído poderá não dar por “A Heart & Two Stars” de tão fugaz e ameno que é. Uma justaposição de ruídos poderá aniquilá-lo em segundos.

Entre instrumentais passíveis de evocar imagens atrás citadas – o pós-rock planante de “Skyscraper”, um “Route 66” a lembrar os Air de “Moon Safari” e uma espécie de brincadeira de Pascal Comelade com os Radiohead-fase-Kid-A num parque de diversões chamada “Supercharger” são disso bons exemplos - e temas murmurados por uma voz que desfaz palavras em ínfimas fracções de tempo, verbalizando motivações de crianças sedentas de sangue em “Blackflash”, relações dúbias entre boys and girls num mui pop “Big Wheel” ou nomes de cidades no belo momento acústico que é “Air Miami” –, descortina-se uma estreia além da mediana, digna de um abraço bem apertado. **Tiago Pereira de Carvalho**



Humanos

“Humanos”

Emi-VC, 2004

9/10

### A vida não morre

Ponto prévio: António Variações morreu a 13 de Junho de 1984, logo “Humanos” não é um disco dele. Contudo, “Humanos” é um disco com António Variações.

Retiradas dum baú algures perdido, há cerca de 20 anos, surgiram as cassetes com ensaios de músicas nunca editadas de Variações. Alguém ou sou pegar-lhes: Manuela Azevedo (vocalista dos Clã), Camané e David Fonseca. E assim deram nova vida e voz às criações até então sufocadas numa qualquer arca sem fundo conhecido.

“Humanos” tem, na essência, um António Variações reencarnado em vários corpos e vozes, e a mesma música, simples, rural, naif, sempre melódica, sempre cheia de vida. Porque na existência humana, ou melhor, na vida, se centra a obra de Variações, aqui se fala dela sem pudores, com a leveza com que ela se deve levar, com subtilidade para não nos alarmar, com doçura para não queimar, com mágoa mas sem assustar, mas sempre com um brilho no olhar, que não deixa de nos cativar.

E é assim que somos seduzidos por “Humanos”: pela sensualidade da voz de Manuela Azevedo, pelo travo fadista – é estranho como encaixa tão bem – de Camané, pela presença pop de David Fonseca.

E, então, surgem as pérolas: Manuela Azevedo a convidar a um bailado de sensações diversas em “Mudar de vida”, a chorar as primeiras “Rugas” em dueto com Camané, ou a dizer “A culpa é da vontade” numa música intemporal e apátrida de feliz lamento. Camané a verbalizar Variações, na sua verdadeira acepção, em “Quero é viver” e “Maria Albertina” (rural, banal? Sim. Contudo, também é a música mais impregnada de “qualquer-coisa-inexplicável-que-faz-dançar deste disco) e com o lamúria fadista de “Adeus que me vou embora”. E David Fonseca a regressar a uma sonoridade duns tais anos 80, agora com “Não me consumas” e saborear uma nova melancolia doce em “Já não sou quem era”. E outras mais. Para viver. **Rui Simões**

## Desenha-se...



Ulf K.

“A primeira estrela e outras histórias”

Edições Polvo, 2003

8/10

### Poesia minimalista

Ulf K. tem vindo a afirmar-se no campo da bd como um dos mais conceituados autores alemães do género. Em “A primeira estrela e outras histórias” ele transporta o leitor para um universo mágico e nocturno, através de um conjunto de sete histórias que, embora não relacionadas, têm sempre alguns pontos em comum, como o aparecimento das personagens Luna, a lua, ou Layla, uma entidade-mulher que personifica a noite.

As personagens e cenários das histórias de Ulf K. são representados num traço simplificado, quase roçando o infantil, mas que é suficiente para a compreensão dos ambientes e do universo criados pelo autor. Aliás, Ulf K. demonstra uma mestria no domínio dos contrastes entre o preto e o branco que pode ser observada na totalidade da obra, mas sobretudo na his-

tória “noite e dia”, cuja compreensão é possível apenas pela análise das imagens e do uso destas duas cores, dada a ausência de qualquer tipo de texto.

As personagens protagonistas das histórias são figuras conturbadas, presas do amor e da morte, que encontram o único refúgio para os seus problemas na imensidão da noite e nos elementos que com ela estão relacionados. Também no argumento o autor assume a postura contrastante presente nos seus desenhos a preto e branco, mas desta vez através da ambiguidade entre a melancolia sentida pelos personagens das histórias e o tom calmo e poético com que Ulf K. transmite essa melancolia.

“A primeira estrela e outras histórias” é imprescindível tanto pelo carácter mágico da obra como também, e sobretudo, pelo facto de ser uma das mais bem conseguidas poesias feita em bd. **José Miguel Pereira**



## 22 ESTÓRIAS

## Vida Moderna - 6º Episódio

## A manhã

Era uma manhã como tantas outras, banalmente movimentada, no frio e cinzento terminal ferroviário, desfolhando o jornal do dia sem especial interesse. Aleatoriamente, em letras gordas, brutal acidente em cadeia na auto-estrada número oito, escândalo de corrupção ministerial no governo do partido centrista, mais uma vitória folgada para os encarnados, estudo revela níveis preocupantes de iliteracia, magistrados sob investigação policial, nova exposição no centro cultural, crime de lenocínio, declarações polémicas, referendo, protesto, onde, presidente, reunião, ontem, violência, hoje. Títulos, frases, expressões, palavras que ressoam por breves instantes na sua consciência, para logo se desvanecerem por entre subsequentes pensamentos. Desde a falta de escrúpulos e de carácter de diversos membros do presente governo à triste constatação de que a maior parte das pessoas não gosta de ler. «Quando tiver tempo tenho de ir ver esta exposição.»

K. gosta de falar para si mesmo, sublinhar determinadas ideias, evocar intenções. Um hábito de tal forma enraizado que não se apercebe de que as outras pessoas o ouvem. Desta vez foi uma senhora de idade, sentada ao seu lado, que esboçou um leve sorriso

de condescendência. Não poderia imaginar que ele nunca iria ver essa exposição, obviamente não por falta de tempo. K. ficou algo embaraçado. Tentou concentrar-se nas notícias do jornal, na sua leitura, mas sentia-se observado. De facto, a senhora estava a olhar para um artigo da última página, qualquer coisa relacionada com escavações arqueológicas. E sussurrava algumas palavras, como que denunciando a sua leitura. Visivelmente incomodado, K. acabou por guardar o jornal na mala, dirigindo depois o seu olhar para o lado oposto da estação.

Um indivíduo de fato azul-escuro e mala preta levanta-se da cadeira e encaminha-se para junto da linha. Começa a ouvir-se o ruído característico do comboio, cuja chegada a horas é previamente anunciada através de uma voz fria e automatizada. Curiosamente, para além do referido indivíduo não há mais ninguém na plataforma. K. acha estranho. Enquanto que no seu lado, no sentido da Grande Cidade, se acumulam dezenas de autómatos, no outro lado, no sentido da periferia, encontram-se apenas um indivíduo, com aspecto de executivo a caminho do trabalho. Durante a manhã não é habitual haver alguém a apanhar o comboio no sentido da periferia, muito menos alguém que vai trabalhar. As suas suspeitas revelam-se mais pertinentes do que poderia alguma vez supor, sendo o



FRANCISCA MOREIRA

barulho do embate tragicamente esclarecedor.

O comboio pára. Vários autómatos correm em direcção à linha mas não ousam saltar da plataforma. Detêm-se na borda, agitados, apontando com o dedo indicador

ou colocando as palmas das mãos sobre a cabeça. Ouvem-se gritos. Dois polícias irrompem na multidão e descem até aos carris. Deparam-se com um corpo trucidado e respectivo rasto de sangue. Pela manhã. **Gustavo Sampaio**

## (Na) Primeira Pessoa

## Quentes e boas

É engraçado como sabe bem passear pelas ruas da cidade num frio dia de Outono. Parece egoísmo estar fora de casa quando as outras pessoas parecem satisfazer-se com o calor das suas lareiras. São poucos os que se atrevem a entregar-se a um dia como este.

“Quentes e boas, quentinhas”... é o vendedor das castanhas, resistente. Resistente ao fio, resistente ao passar dos dias, como se estivesse protegido contra a idade.

Podem-se contar pelos dedos os que ainda resistem, hoje, enchendo os cartuchos de castanhas e os rostos de sorrisos.

É bom o cheiro das castanhas assadas, que se espalha por todo o lado perfumando o ambiente. É bom saber das recompensas destes dias tão frios como reconfortantes para o ego.

...E continuo deambulando pela cidade das capas negras, perdido nas encruzilhadas

do destino, mas com o caminho traçado, convicto de que me estou a dirigir para o sítio certo.

Com o cartucho das castanhas na mão, “paro para descansar no banco de jardim”, e aproveito para pensar na vida.

Está nevoeiro, ou é o fumo das castanhas que sobe no ar, para ofuscar os meus pensamentos, encobrir os momentos de solidão em que me rendia, como sempre, às excelências desta Lusa Atenas, terra de serenatas, de paixões, de estudantes e de vendedores de castanhas em dias de frio...

É engraçado como é tão peculiar esta cidade e toda a vida à sua volta...



BRUNO GONÇALVES

Já acabaram, as castanhas e os pensamentos, está na hora de voltar para casa, já nada me prende aqui, vou render-me e voltar para o quentinho do lar. **Bruno Gonçalves**

Os restantes cronistas de “(Na) Primeira Pessoa” escrevem, esta semana, em **acabra.net**.

## Crónicas do Paraíso

Paulo Nuno Vicente

## Das duas vidas de Gentil Patrício

Quando as hienas de cacete e forquilhas empenhadas encenaram o tão obstinado destino, já as Áfricas do quintal em dilúvio florestal haviam sido conjugadas na reposição da vida primeira de Gentil Patrício e de sua mulher Aurora.

Filhos do sol-goiaba e das cascatas sem fundo, Gentil e Aurora, empurrados para os paços de ninguém, risonhos colecionadores de mundos, desavisados quanto à máxima avarenta de medir o tamanho das gentes pelo minúsculo das terras. Havião recuperado as Áfricas perdidas. Para guerra geral da vizinhança, na forma rara e esbracejante de jardim.

Ambos dados à luz no sopé de uma mangueira bêbeda de Oceano Pacífico – as infiltrações de mar eram fáceis na casa à praia rasant – Gentil e Aurora moravam perto, na ida terra tamanha, desde a criancice. Excepção rara, o amor também se promete. Foram duas infâncias prometidas, mas tanto sal e a mangueira acabou por ir. O amor não. Quando a mangueira murcho, doente, as guerras implodiram, as casas deixaram fachadas sós, os rios cadáveres boiando.

Aurora matutou de queixo enterrado na palma da mão. Gentil arrepiou pensamento. Os dois partiram.

Primeiro fim de vida: choraram a mangueira e o Pacífico.

Porque um jardim tem muita piedade dentro, medida em torno dos verdes e dos cânticos pássaros, e dos passos flutuantes, cá, na vida embrulhada, as terras áfricas renasceram palácios de ramos silvestres. E a medida desceu-se. Desenrolou-se. As Áfricas plantadas foram colonizando, arvorando empoleiradas nas telhas do céu.

Tanto, que os outros teimaram em torcer fijas e medir conjuras. Tanto, que aos outros não calhava bem o jantar sem o rumor sanguíneo. Tanto, tanto, que um dia não adiarão mais o peito de lodo, ao mesmo tempo encharcado de lugar algum.

E empenharam-se nas forquilhas e nos archores.

Gentil e Aurora a coberto na selva amável.

Os outros, de asco em punho, prontos a desgraçar.

Aí, micaias de braços zagaçados e rubras acácias de corpos suspensos – lembravam minaretes – agigantaram-se ante a mesquinhez armada dos homens-hiena. Em gestos que jornais, rádios, televisões podaram o jardim selvático voou em defesa de Gentil e Aurora. Arremesrou espinhos e copas, que rasgaram carnes e ódios.

E as Áfricas, de novo reunidas, zumbiram em arvoredos.

*cronicas\_do\_paraíso@hotmail.com*

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

**Director** João Pereira **Chefe de Redacção** Tiago Pimentel **Editores**: Francisca Moreira (Fotografia), Margarida Matos (Ensino Superior), João Campos (Cidade), Rui Simões (Nacional/Internacional), Bruno Gonçalves (Desporto), João Vasco (Cultura) **Secretária de Redacção** Filipa Oliveira **Paginação** Bruno Gonçalves, Filipa Oliveira, Nuno Braga **Redacção** Adalgisa Leitão, Ana Bela Ferreira, Ana Maria Oliveira, Ana Martins, Bruno Costa, Bruno Fernandes, Bruno Vicente, Carina Fonseca, Carina Valério, Carla Pinto, Carla Santos, Claudio Vaz, Diana do Mar, Helder João Pinto, Joana Moreira, José Manuel Camacho, Kossaquí, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Liliana Guimarães, Marília Frias, Marta Poiães, Nuno Braga, Nuno Curado, Olga Telo Cordeiro, Paulo Nuno Vicente, Pedro Santos, Rui Pestana, Sandra Dias, Sandra Henriques, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Almeida, Tiago Pereira Carvalho, Vitor Aires, Vitor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores** Andreia Ferreira, André Ventura, António Gil Leitão, Arlete Moraes, Carla Moura, Cláudia Sousa, David Jacob, Gustavo Sampaio, Helena Fagundes, Inês Subtil, José Miguel Pereira, Jorge Vaz Nande, Laura Bastos, Marisa Ferreira, Marisa Soares, Paula Costa, Rosa Ramos, Rúben Figueira, Sandra Ferreira, Sandra Pereira, Teresa Neto **Fotografia** Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Bruno Gonçalves, Carla Pinto, Clarisse Magalhães, Cláudio Vaz, Daniel Sequeira, Joana Fonseca, Pedro Bonifácio, Rui Couto, Susana Ventura **Publicidade** Joana Moreira - 239821554; 919879569 **Impressão** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem** 4000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

**A CABRA**  
Jornal Universitário de Coimbra

**Secção de Jornalismo, Associação Académica de Coimbra, Rua Padre António Vieira, 3000 - Coimbra Tel. 239821554 Fax. 239821554**

**acabra.net**  
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: cabra@aac.uc.pt



## VINTE &amp; TRÊS 23



D.R.

Firefox  
publicita  
em jornal  
alemão

O “browser” (ou navegador – programa usado para aceder à Internet) Firefox tornou-se no primeiro programa “open-source” na Europa a fazer publicidade sem o patrocínio de qualquer empresa

Um anúncio, de uma página a cores, ao inimigo do Internet Explorer foi publicado no jornal alemão “Frankfurter Allgemeine Zeitung” e foi inteiramente financiado por contribuições voluntárias. Na página aparecia em letras pretas a palavra “Feuer” (fogo), alguma informação sobre o programa e depois os nomes das 2043 pessoas que deram a sua doação – um número que ficou aquém dos 3000 a 3500 donativos que a campanha estimava angariar.

Este anúncio vem na sequência de uma campanha semelhante levada a cabo nos EUA para a compra de uma página no New York Times. Em 10 dias, mais de dez mil pessoas participaram (o objectivo inicial ficava-se pelas 2500), tendo angariado cerca de 188 mil euros, um valor 300 por cento superior ao esperado.

O Firefox é um navegador de Internet que se tem vindo a tornar no preferido de muitos utilizadores. Embora a Microsoft diga não estar preocupada, o certo é que o Internet Explorer (o “browser” da Microsoft, distribuído com os sistemas “Windows”) desceu pela primeira vez nos últimos anos abaixo da quota dos 90 por cento de mercado. O objectivo da Mozilla, a organização responsável pelo Firefox (e também pelo desenvolvimento de outros programas, entre os quais o browser Netscape que foi adquirido pela AOL) é precisamente alcançar uma fatia de dez por cento dos utilizadores de Internet. Um dos trunfos apresentado pelo “browser” é o bloqueador de janelas “pop-up” de publicidade, uma das formas mais comuns de anúncio na web.

TV faz mulheres felizes, diz estudo  
realizado nos EUA

Tratar dos filhos pode ser mais agradável do que o trabalho doméstico, mas fica atrás de cozinhar ou cuidar dos filhos conclui investigação norte-americana

Um estudo levado a cabo entre 909 mulheres do Texas, Estados Unidos, concluiu que ver televisão, uma boa noite de sono ou de sexo contribuem mais para uma vida feliz do que factores como o rendimento mensal, a segurança do emprego ou cuidar dos filhos.

A investigação recorre a um método inovador e as conclusões vêm contrariar as conclusões de vários estudos anteriores. Ao grupo de mulheres foi pedido que registassem todas as acções do seu dia-a-dia e que usassem uma escala para descrever como se sentiam em cada uma dessas situações – preocupadas, amedrontadas, alegres... Os resultados revelaram que a maioria das mulheres se sentia mais satisfeita enquanto via televisão do que quando ia às compras, falava ao telefone ou tratava dos filhos – uma actividade classificada pela generalidade como menos satisfatória do que cozinhar e posta apenas ligeiramente acima das tarefas domésticas.

Entre os factores que mais causavam sentimentos de mal-estar estavam noites mal dormidas e

prazos de trabalho apertados. Contrariamente ao que estudos anteriores indicam, esta investigação leva a crer que a quantidade de dinheiro não influencia significativamente o grau de felicidade. Desde que não estivessem numa situação de pobreza, as mulheres classificaram o seu grau de felicidade acima dos seis valores em dez.

Outro dado avançado pelos investigadores aponta para o facto de as mulheres divorciadas apresentarem índices de bem-estar no quotidiano ligeiramente superiores aos das mulheres casadas.

O estudo foi publicado na revista “Science”. Um dos responsáveis, Richard Suzman, refere que este tipo de investigações podem ajudar a medicina no desenvolvimento e utilização de drogas capazes de ajudar a melhorar a vida quotidiana.

Peça em que Jesus é gay foi processada  
Electrodomésticos marca “Yahoo!”

Um grupo de cristãos escoceses decidiu apresentar uma queixa contra uma companhia de teatro devido a uma peça que apresenta um Jesus Cristo homossexual.

Stephen Green, membro do movimento pró-cristão Christian Voice, afirma que “quando existe uma blasfémia deste género, os cristãos devem impor-se”, por isso vai acusar a companhia de teatro de blasfémia.

A peça de Terence MacNally, “Corpus Christi”, foi interpretada na universidade de Saint Andrews de

uma forma que Green considera “um insulto à minha fé”. “Cristo é apresentado como um homossexual malcriado, alcoólico e promíscuo”.

O encenador da peça, Zsuzsi Lindsay, defende a produção afirmando que a personagem “não é um alcoólico malcriado” e que “não diz uma única asneira em toda a peça”.

O movimento Christian Voice não se deu por contente e apresentou formalmente uma queixa com o argumento de que a obra do escritor americano é blasfémica.

O gigantesco portal Yahoo! (<http://www.yahoo.com>) passou este mês a vender aparelhos electrónicos de marca própria. Entre os novos produtos de marca “Yahoo!” estão leitores de DVD, sistemas de “cinema em casa” e leitores de DVD/CD/MP3 portáteis.

Esta não é a primeira vez que a “Yahoo!” se aventura no mundo da electrónica. Já antes, a conhecida marca deu o nome a teclados, câmaras digitais ou mesmo óculos para utilizadores assíduos de com-

putadores. Para além disso, já há algum tempo que a companhia tinha registado a licença para este tipo de aparelhos, embora só agora a tenha começado a usar.

A estratégia, que pretende expandir a presença da Yahoo! para além da Internet, segue a tendência de muitas companhias asiáticas, que aproveitam os baixos custos de produção em países como a China para promoverem o seu nome através de alguns produtos de consumo doméstico.

## Que florestas para Portugal?

Orientações estratégicas para a recuperação das áreas ardidas em 2003

apoios: A CABRA RUC TV/AAC TAGV

Grupo Ecológico  
Foyer do TAGV  
QUI.16.DEZ.18h

PUBLICIDADE



OPINIAO



Outros rumos...

Por José Manuel Camacho (texto e fotografia)

outrosrumos.acabra.net

Figueiró dos Vinhos  
Caleidoscópio  
de cores

Belezas naturais e luminosidade. Foram estes os ingredientes que levaram Simões de Almeida a incentivar os seus alunos a se fixarem em Figueiró. "Deixem-se de andar com a trolha às costas, venham mas é para a minha terra onde têm muito que pintar". E assim Henrique Pinto e José Malhoa fixaram nas telas a simplicidade da vida rural, nos idos anos do séc. XIX, retratando a alegria de uma existência provinciana. As suas pinturas naturalistas captaram na essência paisagens e retratos do quotidiano

da vila, numa aproximação íntima com os seus residentes. E sempre mergulhadas em solarengas composições.

Hoje em dia, os pintores talvez pudessem reconhecer as paisagens que os maravilharam há um século atrás. A frescura das águas cristalinas da ribeira do Alge que desagua no Rio Zêzere consubstancia-se no verde das florestas. A imponência das fragas de S. Simão. As praias fluviais.

Os rostos dos residentes é que mudaram e as cores também. Melhor, foram acrescentadas mais tonalidades. Os jardins da vila são um património reconhecido internacionalmente com a medalha de prata no "Concurso Europeu Cidades e Vilas Floridas" em 1998. Espalhadas pelo concelho estão as Alminhas, devocionários populares edificadas junto

à estrada para instigar o visitante a rezar pelas almas do Purgatório. "Nas Alminhas da estrada/ Nunca passes sem rezar/ Talvez um dia precises/ Das preces de quem passar". A câmara municipal, atenta, restaurou e promoveu estas referências culturais.

Mestre Malhoa fascinou-se por esta terra do interior e aí construiu residência a que apelidou de "Casulo". Tem proporções minimalistas e está no centro da vila. Mas já se diz que o tamanho não importa. Neste caso, o que interessa é o jeito da pincelada. Numa das ruas de Figueiró encontra-se um azulejo na fachada de uma casa: "A minha casa é pequena/ Não interessa a dimensão/ Porque em peito pequeno/ Cabe um grande coração". Foi no Casulo que se produziram os quadros de referência da escola naturalista portuguesa.



Iraque discutido na  
faculdade de Letras

Sessão de esclarecimento vai  
apresentar Tribunal Mundial  
sobre o Iraque

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra acolhe na próxima quinta-feira pelas 17 horas uma sessão de esclarecimento acerca do Tribunal Mundial sobre o Iraque (TMI). A iniciativa conta com a presença de José Mário Branco, Manuel Monteiro, Manuel Raposo e Paulo Esperança, todos membros da secção portuguesa desta organização.

O TMI surgiu em 2003, na linha do Tribunal Russell para o Vietname, com o objectivo de denunciar os crimes cometidos no Iraque. A secção portuguesa do TMI resultou de uma primeira reunião, no dia 30 de Maio, entre algumas dezenas de pessoas, que apoiaram o seu lançamento.

A criação da Audiência Portuguesa do TMI contou com a colaboração de inúmeras persona-

lidades, como Maria João Pires, José Manuel Pureza, Vasco Lourenço, Diana Andringa, Fernando Rosas, Maria do Céu Guerra ou João Gil. Este organismo tem como principais objectivos a análise do envolvimento do Estado e de entidades e cidadãos portugueses na agressão ao Iraque, assim como formular a acusação correspondente aos crimes cometidos.

O TMI aponta a brutalidade da agressão ao Iraque e das consequências humanas daí decorrentes. A destruição das condições de vida das populações, o saque de recursos e de bens patrimoniais, a violação dos direitos individuais, assim como o regresso à colonização mais selvagem são denunciados por esta organização, que tem como fim formalizar institucionalmente a acusação destes crimes.

A sessão de esclarecimento é promovida pelo Núcleo de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em conjunto com a Comissão Organizadora da Audiência Portuguesa do Tribunal Mundial sobre o Iraque.

Estudantes propõem  
alterações à lei de bases

Mais uma vez estudantes e  
partidos encontram-se para  
discutir a lei que rege o ensino  
em Portugal

A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra reuniu ontem e sexta-feira com os grupos parlamentares para apresentar um documento em que critica e sugere alterações à proposta do Governo para a Lei de Bases da Educação. Uma vez que o Presidente da República vetou a lei, esta iniciativa surge antes da abertura de um novo período de discussão sobre o diploma, que será levado a cabo durante o próximo ano.

O documento dos estudantes classifica a proposta de lei como "uma grave violação dos princípios pelos quais se deverá pautar qualquer reforma legislativa", e afirma que

o texto "permite constatar uma enorme falta de visão estratégica em matéria de educação". Outra das críticas que é feita prende-se com o "desmesurado aumento da contribuição das famílias, que conduz ao fim do estudante deslocado". Ao todo, são 19 páginas em que a direcção-geral propõe alterações a vários artigos da lei, entre os quais os referentes ao princípio da gratuidade, à acção social escolar e ao acesso ao ensino superior.

Esta não é a primeira vez que os estudantes dão a conhecer aos partidos com assento na Assembleia da República o "Contributo para a Lei de Bases da Educação". De acordo com o coordenador-geral do Pelouro da Política Educativa, Berto Messias, os partidos da oposição mostraram-se em reuniões anteriores favoráveis às propostas dos estudantes. Contudo, até à hora de fecho desta edição não foi possível saber as reacções dos partidos.

PUBLICIDADE

Ar do Rato Caffé Quim Barreiros Quinta-feira 16-12-2004